

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA E**  
**PATRIMÔNIO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL**

**TATIELE PIRES DE SOUSA**

**MEMÓRIA E HISTÓRIA DA ORIGEM MONTEBELENSE:**  
**VISIBILIDADES DA CIDADE DE SÃO LUÍS DE MONTES BELOS-GO COMO**  
**PATRIMÔNIO SOCIAL**

**GOIÁS-GO**  
**2021**

**TATIELE PIRES DE SOUSA**

**MEMÓRIA E HISTÓRIA DA ORIGEM MONTEBELENSE:  
VISIBILIDADES DA CIDADE DE SÃO LUÍS DE MONTES BELOS-GO COMO  
PATRIMÔNIO SOCIAL**

Relatório técnico para apresentação à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Mestrado Profissional da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina (PROMEP/UEG), como requisito para obtenção de título de mestre em História. Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raquel Miranda Barbosa.

GOIÁS – GO

2021



## TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data<sup>1</sup>. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

### Dados do autor (a)

Nome completo: Tatiele Pires de Sousa

Email: tatielearq@hotmail.com

### Dados do trabalho

Título: MEMÓRIA E HISTÓRIA DA ORIGEM MONTEBELENSE: VISIBILIDADES DA  
CIDADE DE SÃO LUÍS DE MONTES BELOSGO COMO PATRIMÔNIO SOCIAL

Tipo:

Tese  Dissertação

Curso/Programa: Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais Memória e  
Patrimônio – PROMEP/ UEG

Concorda com a liberação documento

SIM  NÃO

<sup>1</sup>Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Goiás, 30 de novembro de 2021.

Assinatura autor(a)

Assinatura do orientador(a)

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

S729m Sousa, Tatiele Pires de.  
Memória e história da origem montebelense :  
visibilidades da cidade de São Luís de Montes Belos -  
GO como patrimônio social [manuscrito] / Tatiele  
Pires de Sousa. – Goiás, GO, 2021.  
93f. ; il.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Miranda Barbosa.  
Relatório Técnico (Mestrado em Estudos  
Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora  
Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2021.

1. História e memória urbana. 1.1. Identidade.  
1.2. Patrimônio social. 1.3. São Luís de Montes  
Belos, GO. II. Universidade Estadual de Goiás,  
Câmpus Cora Coralina.

CDU: 719(817.3)(094.3)

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

TATIELE PIRES DE SOUSA

**MEMÓRIA E HISTÓRIA DA ORIGEM MONTEBELENSE:  
VISIBILIDADES DA CIDADE DE SÃO LUÍS DE MONTES BELOS-GO COMO  
PATRIMÔNIO SOCIAL.**

Relatório Técnico submetido ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG), Mestrado Profissional, para fins de Defesa como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História. Aprovada em 31 de agosto de 2021, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Raquel Miranda Barbosa (Universidade Estadual de Goiás - UEG)  
Orientadora

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Jacqueline Siqueira Vigário (REDE de Pesquisa em História e Culturas no mundo contemporâneo)  
Membro

---

Prof. Dr. Keley Cristina Carneiro (Universidade Estadual de Goiás - UEG)  
Membro

---

Prof. Dr. Thiago Fernando Sant'Anna e Silva (Universidade Federal de Goiás- UFG)  
Suplente

---

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros (Universidade Estadual de Goiás - UEG)  
Suplente

Goiás, 31 de agosto de 2021.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, imensamente, a Deus por ter guiado meus passos até aqui.

Aos meus pais e à minha irmã por sempre me orientarem, apoiarem e serem exemplo de persistência e dedicação. Ao meu marido pela compreensão e apoio. À minha orientadora pelo carinho, dedicação, paciência e instruções.

A todos os familiares e amigos que me incentivaram e acreditaram em mim.

Ao Sr. Xerife e a inúmeros colaboradores que me subsidiaram de informações, ensinamentos, experiências e vivências que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

E, por fim, ao universo por me permitir experimentar as mais diversas oportunidades e experiências de vida.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Praça 4 de outubro, a travessia do Córrego Barreirinho e o início da Av. Hermógenes Coelho (na época Av. Federal).....	26
Figura 2 - Hospital Regional de São Luís de Montes Belos.....	28
Figura 3 - Praça Dom Stanislau Van Mellis .....	36
Figura 4 - Antiga Avenida Federal .....	36
Figura 5 - Prefeitura Municipal de São Luís de Montes Belos .....	38
Figura 6 - Terminal Rodoviário sendo construído em 1970.....	38
Figura 7 – Inauguração Terminal Rodoviário – Prefeito Mário Cândido, José Netto e funcionários municipais em 1972.....	39
Figura 8 - Inauguração Terminal Rodoviário – Prefeito Mário Cândido, José Netto e funcionários municipais em 1972.....	39
Figura 9 - Avenida Federal.....	44
Figura 10 - Avenida Hermógenes Coelho .....	45
Figura 11 - Desfile dos Cavaleiros na Av. Hermógenes Coelho (1950) .....	45
Figura 12- Recepção aos cavaleiros na Av. Hermógenes Coelho (1950) .....	46
Figura 13- Dia da Emancipação .....	46
Figura 14- Missa Campal, na porta da capela, na Praça da República (1951) .....	47
Figura 15- Primeira fanfara do Ginásio Estadual, desfilando na Av. Hermógenes Coelho (1963).....	48
Figura 16- Primeiras edificações .....	48
Figura 17- Primeiras edificações .....	48
Figura 18 - Capa Plano Diretor Participativo - PDP .....	50
Figura 19 - Livro de São Luís de Montes Belos: uma história de lutas e conquistas. 51	
Figura 20 - José Netto Cerqueira Leão Sobrinho .....	52
Figura 21 - Sessão solene do ato oficial de fundação da cidade de São Luís de Montes Belos .....	53
Figura 22 - Primeiros administradores - prefeitos .....	53
Figura 23 - Mapa de percurso fotográfico .....	54
Figura 24 - Avenida Hermógenes Coelho, em frente à Praça do Barreirinho (atual) 55	

Figura 25 - Praça do Barreirinho .....	55
Figura 26 - Praça do Barreirinho .....	56
Figura 27 - Praça Dom Stanislau Van Mellis .....	57
Figura 28 - Avenida Hermógenes Coelho, perto da Praça Dom Stanislau.....	57
Figura 29 - Avenida Hermógenes Coelho, em frente ao Espelho D'água (atual).....	58
Figura 30 - Shalom .....	58
Figura 31 - Antiga Rodoviária, atual Vapt Vupt .....	59
Figura 32 - Prefeitura Municipal de São Luís de Montes Belos (atual) .....	60
Figura 33 - Vista panorâmica da cidade na década de 1950 (1ª imagem do vídeo) ...	65
Figura 34 - Praça do Barreirinho (2ª imagem do vídeo).....	65
Figura 35 - Avenida Federal (3ª imagem do vídeo) .....	66
Figura 36 - Vista panorâmica da cidade de São Luís de Montes Belos (4ª imagem do vídeo).....	66
Figura 37 - Primeiras edificações (5ª imagem do vídeo).....	67
Figura 38 - Primeiras casas da cidade (6ª imagem do vídeo).....	67
Figura 39 - Primeiras casas da cidade (7ª imagem do vídeo).....	67
Figura 40 - Jose Netto (8ª imagem do vídeo) .....	68
Figura 41 - Hérmogenes Coelho, sentado (9ª imagem do vídeo).....	68
Figura 42 - Dia da emancipação (10ª imagem do vídeo).....	69
Figura 43 - Desfile para recepção da visita de Pedro Ludovico (11ª imagem do vídeo).....	69
.....	
Figura 44 - Antiga Avenida Federal (12ª imagem do vídeo).....	70
Figura 45 - Avenida Hérmogenes Coelho (atualmente) (13ª imagem do vídeo) .....	70
Figura 46 -Primeira farmácia e cartório (19ª imagem do vídeo).....	71
Figura 47 - Loja de Máquinas (20ª imagem do vídeo).....	71
Figura 48 - Posto Semente apoio de produtores (21ª imagem do vídeo).....	71
Figura 49 - Mapa de localização da cidade de São Luís de Montes Belos-GO.....	72
Figura 50 - Hotel São Luís (1950) (22ª imagem do vídeo) .....	72
Figura 51 - Terminal Rodoviário sendo construído em 1970 (23ª imagem do vídeo) 73	
Figura 52 - Prefeitura Municipal de São Luís de Montes Belos (24ª imagem do vídeo).....	73
.....	

Figura 53 - Leitbom (25ª imagem do vídeo) .....	74
Figura 54 – São Luiz Hotel Hotel (26ª imagem do vídeo) .....	74
Figura 55 - Casa Ribeiro (27ª imagem do vídeo) .....	75
Figura 56 – Bar São Luiz (28ª imagem do vídeo) .....	75
Figura 57 - Cerâmica São Luiz (29ª imagem do vídeo) .....	76
Figura 58 - Shalon (30ª imagem do vídeo).....	76
Figura 59 - Bracol (31ª imagem do vídeo) .....	76
Figura 60 - Faculdade Montes Belos (2002) (32ª imagem do vídeo).....	77
Figura 61 - Centro Universitário Montes Belos (33ª imagem do vídeo).....	77
Figura 62 - Fácil Belos (atual UEG) (34ª imagem do vídeo) .....	77
Figura 63 - UEG (atual) (35ª imagem do vídeo) .....	78
Figura 64 - São Luís de Montes Belos (31ª imagem do vídeo).....	78
Figura 65 - Pesquisa no Google.....	80
Figura 66 - Site Câmara Municipal de São Luís de Montes Belos.....	80
Figura 67 - Acesso ao Instagram .....	80
Figura 68- Instagram da Câmara .....	81
Figura 69- Vídeos do Instagram .....	81
Figura 70 - Login Facebook .....	81
Figura 71 - Pesquisa Câmara Municipal de São Luís de Montes Belos.....	82
Figura 72 - Vídeos .....	82
Figura 73 - Pesquisa no Google.....	82
Figura 74 - Pesquisa do YouTube .....	83

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CANG- Colônia Agrícola Nacional de Goiás

COVID-19- *Corona Vírus Disease*

PDP- Plano Diretor Participativo

PUC- Pontifícia Universidade Católica

SLMB- São Luís de Montes Belos

SIIC- Semana Internacional de Iniciação Científica

SPHAN- Serviço de Proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

## RESUMO

Os elementos construtivos dos primeiros aglomerados urbanos de uma cidade carregam em si a essência originária da paisagem urbana e a identidade dos seus habitantes. Considerado um “tesouro” coletivo, deve ser preservado como referencial singular da memória local e do processo evolutivo de uma comunidade. Este relatório tem como objetivo discorrer sobre a importância da história urbana montebelense e conscientização dos cidadãos de São Luís de Montes Belos, município localizado a 128 quilômetros de Goiânia, capital do Estado de Goiás, para o surgimento material e histórico urbano. Busca-se, portanto, compreender as suas origens identitárias nas quais, após sessenta e sete anos de existência dessa *urbe*, há iminente desvalorização de historicidade preservada em algumas edificações pretéritas, aspecto que, possivelmente, demonstra relativa “ausência” do sentimento de pertença dos montebelenses ao patrimônio cultural existente desde o surgimento do município. O levantamento de fontes empíricas traz a história entrecruzada aos referenciais teóricos que discutem a memória (coletiva e individual). Consequentemente, a identidade e cultura norteiam as discussões que problematizam este trabalho, que assenta suas análises nos aspectos relacionados à construção do sentimento de pertencimento do indivíduo e da sociedade montebelense no que se refere à “desvalorização” das remanências do seu patrimônio edificado. Essa reflexão apresenta ações, por meio da educação patrimonial, com as quais visa-se ressignificar os sentimentos de pertença e a consciência social acerca da identidade cultural local.

Palavras-Chave: Identidade, Memória, Preservação, São Luís de Montes Belos.

## **ABSTRACT**

The building elements of the first urban settlements of a city carry within them the original essence of the urban landscape and the identity of its inhabitants. Considered a collective "treasure", it must be preserved as a singular reference of local memory and of a community's evolutionary process. This report aims to discuss the importance of the Montebelense urban history and the awareness of the citizens of São Luís de Montes Belos, municipality located 128 kilometers from Goiânia, capital of the State of Goiás, for the material and historical urban appearance. Therefore, we seek to understand its identity origins in which, after sixty-seven years of existence of this city, there is an imminent devaluation of the historicity preserved in some previous buildings, this aspect possibly demonstrates the relative "absence" of the Montebelenses' sense of belonging to the cultural heritage that has existed since the town was founded. The survey of empirical sources brings together history and theoretical references that discuss memory (collective and individual). Consequently, identity and culture guide the discussions that problematize this work, which bases its analysis on the aspects related to the construction of the feeling of belonging of the individual and of the Montebelense society regarding the "devaluation" of the remnants of its built heritage. This reflection presents actions, by means of heritage education, with which the aim is to give new meaning to feelings of belonging and social awareness about local cultural identity.

**Keywords:** Identity, Memory, Preservation, São Luís de Montes Belos.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. MEMÓRIA, PRESERVAÇÃO E HISTÓRIA DE SÃO LUÍS DE MONTES BELOS-GO..	22
1.1. Origem de São Luís de Montes Belos-Go .....	22
1.2. Memória, preservação e história em fotografia .....	29
1.3. Retratos da história Montebelense .....	50
1.4. Devolutiva para a comunidade .....	61
2 EXPOSIÇÃO CULTURAL: CONTANDO A HISTÓRIA MONTEBELENSE .....	62
2.1 Exposição Cultural em formato digital (Vídeo) .....	62
2.1.1 Processo de Estruturação .....	64
2.1.2 Roteiro de Vídeo.....	64
2.2. Público alvo .....	78
2.3. O impacto esperado .....	79
3. VÍDEO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DA ORIGEM MONTEBELENSE .....	79
3.1. Manual de uso do Produto .....	79
3.1.1. <i>Site</i> da Prefeitura de São Luís de Montes Belos .....	79
3.1.2. <i>Instagram</i> .....	80
3.1.3. <i>Facebook</i> .....	81
3.1.4. <i>YouTube</i> .....	82
3.2. Proposta de aplicação na comunidade participante .....	83
3.3. Devolutiva para a comunidade .....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	84
REFERÊNCIAS .....	86
REFERÊNCIAS DAS IMAGENS .....	88
APÊNDICES .....	89

## INTRODUÇÃO

O espaço urbano é resultado do desenvolvimento humano contínuo, construído de modo ininterrupto por períodos históricos e suas influências, transportando símbolos e significados na produção da memória individual e coletiva, bem como a identidade de um povo. Essa identidade é gerada, constantemente, ao longo do tempo e está sempre em processo de formação inconsciente (HALL, 2014). Logo, as origens das cidades e toda tramitação acerca da sua formação e consolidação tornam-se foco das discussões referentes à identidade e à preservação, além dos bens culturais que caracterizam as memórias locais.

De acordo com Nora (1993, p. 9), “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.”. É, portanto, elemento vivo, carregado sempre por grupos viventes, ou seja, está em constante evolução, sujeita à dialética da lembrança e do esquecimento, suscetíveis a deformações e vulneráveis aos usos. Desse modo, pode estar propensa a repentinas revitalizações que podem ser condicionadas ao registro desses costumes e tradições, de modo que haja a reconstrução da história desse lugar - lugares de memória, conforme Nora (1993) - uma possível recriação do que não existe mais.

A urbanização também carrega signos que apresentam sentido ao passar do tempo, os quais possibilitam decifrar grandes acontecimentos, eventos e personagens, bem como dar sentido à “construção das representações sobre o passado da Cidade” (PESAVENTO, 2005). Ainda, conforme Pesavento:

[...] a cidade é, sobretudo, exibição da marca do homem num mundo mutável, e as sociedades antigas cedem lugar às novas. Os prédios tornam-se espaços de novos usos ou, na maioria das vezes, as edificações preservadas, tornadas um patrimônio a zelar, seguem o destino de transformar-se em centros culturais, adaptando-se novas funções e práticas sociais (PESAVENTO, 2005, p. 115).

Nessa perspectiva, é evidente que os aglomerados urbanos apresentam inúmeras diversidades (BORGES; OLIVEIRA; SILVA; 2011 p. 18), oferecendo a essa região e sua população uma essência originária designada por esses processos evolutivos. Além disso, entender o processo de nascimento e desenvolvimento histórico de uma cidade é fundamental para conseguir entender suas memórias e sua identidade e elucidar os bens culturais que representam essa comunidade, os quais devem ser preservados e passados como legado às próximas gerações. O acesso a essas informações e a essa visibilidade da imagem da cidade oferece ao receptor da

informação um reconhecimento. Relacionar, através da sua percepção, o desencadeamento da cidade, desde seu nascimento até a atualidade. Despertar o sentimento de pertencimento, um olhar mais apurado às suas origens e uma referência palpável de seu desfolhamento. É perceber, com propriedade, as singularidades às quais a paisagem urbana se pautou durante anos de evolução. Esses bens culturais representam os valores intrínsecos na identidade do grupo, visto como um patrimônio.

A trama urbana revela a evolução complexa do espaço citadino conforme as ideologias de uma sociedade em constante transformação. O reconhecimento dessa historicidade reflete um processo de ressignificação e reconhecimento da identidade do cidadão, embasado em um importante referencial. De acordo com Pesavento:

[...] a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de domínio e transformação de um espaço natural no tempo (PESAVENTO, 2007, p. 14).

As cidades nos exprimem suas expressões mediante suas imageabilidades sensíveis e representativas. Lynch<sup>1</sup> afirma que “uma cidade com imageabilidade (aparente, legível ou visível), nesse sentido, seria bem formada, distinta, memorável; convidaria os olhos e ouvidos a uma maior atenção e participação” (LYNCH, 1960, p. 10). A imagem é como o poder irrevogável da identificação da cidade e de sua legibilidade. A concepção dessa imagem passa por um processo imaginário e interativo em nossos sentidos. De modo geral, permite a leitura, interpretação e compreensão da cidade de forma nítida. Ao que tange à preservação do imaginário, a cidade e seus elementos urbanos, as experiências e causas de desenvolvimento da sociedade são representativos simbólicos instaurados na memória da comunidade. O conceito imageabilidade usado por Lynch se refere à:

Qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador. Refere-se à forma, cor ou arranjo que facilitam a formação de imagens mentais do ambiente fortemente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis (LYNCH, 1960, p. 9).

---

<sup>1</sup> Kevin Andrew Lynch foi um importante urbanista escritor, que realizou grandes contribuições ao planejamento urbano. Seu principal livro “A imagem da cidade”, 1960, se deu através de pesquisas empíricas sobre como os indivíduos observam, percebem e transitam na paisagem urbana. Explorou questões tais como a presença do tempo e da história nos ambientes urbanos e como eles afetam as crianças ou aguçam a percepção humana acerca da forma física das cidades e regiões, constituindo, assim, uma base conceitual para um bom desenho urbano.

É em seu setor inicial que a cidade oferece elementos icônicos e emblemáticos para a identidade urbana, reveladora da apropriação social do território, panorama idealizado de reconhecimento. A paisagem urbana, o conjunto de elementos que compõe a imagética de determinado recorte espacial é considerado parte indissociável na constituição do patrimônio. Logo, são partes que, em sua singularidade e interação, revelam uma particularidade àquele território, a qual caracteriza a paisagem como experiência cultural.

A cidade de São Luís de Montes Belos está localizada na região central do estado de Goiás e a 128km da capital Goiânia. Assim, como a maioria das cidades, ela carrega, na região de seus primeiros aglomerados urbanos, grande representatividade histórica, vivenciando neste período um processo de “esquecimento” e desvalorização cultural. Isso é reflexo das intensas e rápidas mudanças do mundo globalizado, que conduzem para constantes alterações na paisagem urbana e desconhecimento da histórica da cidade pelas novas gerações, colocando em risco importantes signos e vínculos identitários de sua população. Nora (1993), em seu texto, expressa o envolvimento coletivo pela transformação e renovação, reforçando a valorização do novo e do futuro em detrimento do velho e do passado, e ainda cita que “Os lugares de memória são, antes de tudo, resto (p.12)”. Essas alterações, fluxo natural do processo de desenvolvimento das cidades, acarretam um distanciamento entre as lembranças coletivas e seus respectivos lugares de memória, o que gera à comunidade montebelense um sentimento de fragmentação e estranheza diante das perdas de seus símbolos que deixaram de ser significantes ao se perderem em detrimento da modernidade.

À sombra de suas serras, se ocultam histórias, lembranças e vivências. As memórias se silenciam em escombros e ruínas das suas primeiras construções. Bens culturais e patrimônios ofuscados sob a resplandecente ideologia de progresso, grande parte dos cidadãos montebelenses seguem inconscientes dos seus valores e das riquezas históricas de sua cidade. Há inúmeras lembranças que se tomaram por esquecidas, decorrentes desse processo incoerente de desenvolvimento. Seus habitantes encontram-se incapazes de se sentirem pertencentes à identidade formada pelas gerações passadas, o que enraizou descaso e desvalorização de suas referências.

As memórias coletivas estão ligadas diretamente às construções urbanas e arquitetônicas que deram origem aos primeiros aglomerados citadinos e carregam consigo as características da vivência memorável dessa comunidade. É visto que, para restabelecer o valor

identitário, é necessário resgatar os valores históricos do lugar e a percepção humana da sua referência existencial; teoria constatada a seguir:

[...] compreende o “patrimônio” como metáfora do cruzamento entre memória, saber e poder, construto político que ao mesmo tempo produz e controla a informação, orienta lembranças e esquecimentos, e configura, assim, o poder de dominação, subversão e construção de identidade (BRITTO, 2014, p. 979).

Quando se pensa no ideal de preservação: o espaço como lugar de memória e a memória coletiva como aspecto formador e mantenedor da identidade cultural de um povo, e o distanciamento entre esses elementos como causador do desconhecimento identitário de um grupo - questões presentes nos cidadãos de São Luís Montes Belos -, é possível levantar as seguintes inquietações: Como se fez a história dessa cidade? Quais locais deram origem aos primeiros aglomerados urbanos? Quais são os lugares de memória dessa comunidade? Há acervos que resgatam ou representam essa historicidade? Quais são as ações preservacionistas que podem ser implementadas para a conservação da identidade local?

Inteirar-se da sua própria história é o princípio fundamental para o reconhecimento identitário. Desse modo, é necessário operar de forma que a população tenha esse contato histórico por meio do reconhecimento dos processos e períodos que constituíram essa *urbe* e que dão luz às memórias coletivas. Essa reconção revela, em seu interior, as lembranças e experiências vividas. Assim, como definido por Pesavento:

Uma cidade – e, sobretudo, seu centro, se caracterizam por sediarem um ethos urbano. Uma maneira de ser, um estilo de vida, uma performance cidadina de comportamento. É lá, no coração do urbano, que se abriga esta energia e que se constitui este elemento, comportamental, simbólico e intrínseco à modernidade, como um jeito especial de agir e ser habitante de uma cidade. A rigor, o centro é como um laboratório que define padrões e mesmo forja estereótipos que individualizam e distinguem as cidades, umas das outras (PESAVENTO, 2008, p.7).

Se a imagem da cidade contribui na percepção da história e do desencadear de processos evolutivos da *urbe*, tal ferramenta pode elucidar problemáticas desse fenômeno, bem como expô-los com mais clareza para que sejam possíveis intervenções eficientes que interrompam esse momento de esquecimento e revitalizem as memórias e a identidade dos membros desse grupo social com o lugar; despertando, assim, o sentimento de pertencimento identitário de São Luís de Montes Belos - GO.

Para que a preservação da identidade montebelense aconteça, é necessário explorar as camadas desse palimpsesto<sup>2</sup>, percorrendo pelos processos históricos de formação e consolidação da *urbe*. Para tal, é importante a investigação das origens dessa sociedade. Como sugerido por Pesavento (2008), deve-se tomar como ponto de partida a identificação dos elementos que restaram do passado, a princípio, na tentativa de elencar os elementos que resistiram ao passar do tempo e que, ainda, são perceptíveis e presentes na cidade, além de cruciais para a evocação, tais como: bairros, prédios, praças, ruas, equipamentos, ritos, festas, usos, hábitos, tipos humanos. Evidências do passado em meio à cidade atual, fragmentos de um tempo que se escoou e é retentor de histórias acumuladas as quais podem “servir como acionadores de uma memória involuntária, no sentido proustiano, a despertar lembranças. Mas nosso interesse é na anamnese, no trabalho e intenção deliberada de lembrar, que pode ser acionado a partir destes traços.” (PESAVENTO, 2008, p. 8).

Tem-se, então, a chave para a releitura e interpretação do tempo pretérito em que são identificados os registros tangíveis e visíveis em detrimento dos elementos que não são mais vistos, mas apenas lembrados por imagens e narrativas documentais. Esses arquivos tornam presente o imaginário do passado que se perdeu em sua materialidade, e não é possível apreciá-los atualmente, se comparados, através das fontes obtidas, às representações do que se foi e do que se mantém. Esse processo fantástico é expresso por Paul Ricoeur (1983) como método histórico de reconfiguração de um tempo, diante do qual a mente compete na recomposição da paisagem fictícia da cidade. Mas é importante expor que, para a recuperação perceptível do que é dado como invisível, é necessário conhecimento e capacitação. Por conseguinte, é vital o domínio aprofundado da história da cidade, com clareza sobre seus acontecimentos, suas personagens, suas práticas sociais, seus eventos excepcionais, seu dia a dia, como aconteceu o uso e ocupação do espaço, quais acontecimentos foram precursores dessa organização e ordenamento, os agentes dessa transformação territorial, seus consumidores, os habitantes que usufruíram-na e influenciaram, a partir de suas vivências, experiências e ações, na concepção dessa *urbe*. Trabalho árduo, mas substancial para entender o centro urbano e tomá-lo como objeto - lugar de memória (PESAVENTO, 2008).

As bagagens adquiridas nesse processo de investigação são cargas que permitem uma interpretação legítima do passado. Só assim é que se tem capacidade de identificar vestígios e

---

<sup>2</sup> Manuscrito em pergaminho que, após ser raspado e polido, era novamente aproveitado para a escrita de outros textos (prática usual na Idade Média).

categorizá-los dentro de suas simbologias e representatividades espaço-temporais, determinando, com base no conhecimento, signos que se remetem à história e à memória do lugar. A partir de então, é necessário “ter em conta que a morfologia da centralidade originária da *urbe* se apresenta como um palimpsesto, acumulando tempos, formas, usos e significados. Camadas superpostas que se insinuam, mas antepõem filtros ao olhar” (PESAVENTO, 2008, p. 9). É preciso ir a fundo nas apurações e percorrer o furtivo do tempo, explorando a cidade em todos os níveis de sua sobreposição.

Após esse processo de análise e investigação, atribuído por Pesavento (2008) como “decifração das marcas de historicidade presentes na centralidade”, a pesquisa volta-se para a identificação dos interventores do espaço – atores sociais. Pessoas são partes inseparáveis da formação da cidade e, por sua vez, evocam formas de pensar, agir e sociabilizar dos atores constituintes de sua história.

Dada a importância dos centros de acordo com a historiadora, convém destacar:

Estes são os agentes do urbano que são detentores do saber e do poder de transformar a cidade, redesenhá-la, destruí-la, edificá-la, preservá-la ou remodelá-la segundo as diretrizes e normas da técnica, da estética, da moda e da tendência, das leis do mercado e das diretrizes da política. Quem foram estes, engenheiros, urbanistas, médicos higienistas, arquitetos, políticos e funcionários técnicos da urbe, que circularam de um espaço a outro, muitas vezes de cidade em cidade, de país a país, de um continente a outro, e que produziram os centros urbanos? (PESAVENTO, 2008, p. 9).

Há agentes no espaço que vão além dessa atuação e carregam toda sua relação com o espaço além da intervenção, que são os cidadãos comuns, que usufruem desse ambiente rotineiramente. Não são esses os interventores diretos de ordem legal, mas são pessoas que trabalham, transitam e vivem, ou seja, são consumidores do lugar cujas vidas, com o passar do tempo, também atuam na transformação e produção da cidade, tornando-se importantes portadores de memória, testemunhas oculares e exponenciais dos acontecimentos. Pesavento (2008) configura essas pessoas como leitores e “produtores” especiais da cidade, isto é, poetas, romancistas, fotógrafos, desenhistas, pintores, que “a seu modo eles constroem cidades possíveis ou improváveis, através de um conhecimento sensível, tanto em resposta às questões de seu tempo quanto antecipando sensibilidades” (PESAVENTO 2008, p. 9). São eles que escolhem, além da produção do espaço, construção dos monumentos e intervenções urbanas, os lugares de memória que sustentam a memória coletiva. Nora (1993) afirma que, para esses espaços serem assim

considerados, devem ter como efeito três sentidos: o material, o simbólico e o funcional; os quais devem coexistir, pois,

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatente, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece exemplo extremo de significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal, e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada de lembrança (NORA, 1993, p. 21-22).

O reconhecimento desses fatores e cruzamentos dos dados obtidos determinam os lugares de memória que devem ser preservados. A partir do conhecimento da historicidade da cidade e percepção de seus referenciais históricos, é possível então estabelecer locais de salvaguarda da memória e dos seus bens culturais. Dessa forma, há que se apresentar à comunidade montebelense a história de São Luís de Montes Belos, de forma que seja possível, nesse momento, introduzir as reais influências de nascimento dessa *urbe*, conhecer os processos que tornaram esse território um aglomerado urbano e, a partir daí, sua consolidação como município. Os embates e confrontações na formação do centro urbano de São Luís - visto como patrimônio imaterial dessa sociedade - produzem uma fonte retentora da memória e identidade montebelense a ser preservada, como apresentado anteriormente nesse estudo. Conforme Nora (1993),

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que leva à incandescência a verdade de todos lugares de memória, sem vigilância comemorativa, a história depressa se varreria (NORA, 1993, p. 13).

Nesse processo, é necessário entender sobre memória coletiva e individual que, conforme Halbwachs (2006), na obra “A memória Coletiva”, aborda a percepção do homem sobre diversos aspectos, reforça a influência da coletividade na memória individual, descaracterizando a ideia de neutralidade, na concepção desta, e cita como exemplo a visão do sujeito sobre a cidade, onde, mesmo que em experiências vivenciadas individualmente, seus pensamentos são influenciados pelo ideal de outrem já incorporado em sua mente. Trata-se de algo impregnado no viver, no agir e no pensar humano, coletivamente ou não, sedimentando a convivência em sociedade. Sobre a relação de memória coletiva e memória individual, o teórico afirma:

Examinemos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de

outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos, que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado do seu ambiente (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Segundo filósofos, historiadores e sociólogos, a memória (individual) é resultado da interação do indivíduo com o meio, sendo impossível separar as pessoas da sociedade que estão inseridas, afirmam Borges, Oliveira e Silva (2011). Ainda, de acordo com estes autores, o ser humano retém a memória através de fenômenos sociais, já que as interações entre o homem e seus pares estabelecem suas “formas de pensar, agir, sentir e se comunicar, e que, por isso, verificam-se como um conjunto de códigos culturais externos ao indivíduo que detém um forte poder de influência sobre o mesmo” (IDEM, 2011, p. 10).

Henri Bergson também desdobra sobre o conceito de memória, relacionando memória e imagem em seu livro *Matéria e Memória*. Nele, Bergson (1999) trata memória como fenômeno de reelaboração do passado no tempo presente, sendo resposta a um apelo atual, afirmando que “a lembrança pura, com efeito, é, por hipótese, a representação de um objeto ausente” (BERGSON, 1999, p.80); ou seja, o cérebro reproduz a percepção do elemento que não se faz presente.

Relacionando esse ideal de memória coletiva, temos as abordagens de Ecléa Bosi (1994), que trata, em seu livro sobre a desvalorizam e exclusão dos velhos na sociedade atual, conceitos de memória e a importância da memória da velhice. A autora (BOSI, 1994) expõe a opressão dos velhos diante da industrialização dos tempos contemporâneos, que valoriza a lucratividade, produção e agilidade dos processos, e desvaloriza toda carga histórica que eles salvaguardam. Bosi (1994) alega que a construção do presente é fruto do trabalho desempenhado pela juventude do passado, nossos atuais velhos. São eles os cofundadores do corpo social vigente em nossas cidades e, hoje, os contadores das histórias, que reconhecem personagens, lugares, eventos, objetos e, também, que conectam durante o espaço tempo, transmitindo as recordações e memórias do tempo passado para as próximas gerações.

A partir das leituras de Bosi (1994), é possível entender que os velhos são a prova viva do passado, retentores dos processos de formação do presente. Consequentemente, como portadores da memória, eles possuem função de memória social, aquele que oportuniza a recuperação de um tempo e seus signos. Essas partilhas entre gerações são responsáveis por muitas memórias às quais o indivíduo não esteve presente, mas gerou-as diante do compartilhamento, são

as memórias coletivas. Recordações que remetem a um valor simbólico de um grupo ou comunidade, valor inestimável.

Este trabalho tem como pretensão reportar à comunidade as principais regiões da *urbe*, eventos importantes, fotografias, relatos e toda a historicidade então levantada, a fim de ressignificar a memória e possibilitar a esses moradores reviverem, a partir dessas memórias, experiências vividas nesse município. Viabilizar, portanto, que os cidadãos montebelenses se reconectem com suas origens, conheçam sua história, sintam-se pertencentes a todo esse processo de formação dessa sociedade, resultando na valorização e fortalecimento da identidade de seu povo.

## **1. MEMÓRIA, PRESERVAÇÃO E HISTÓRIA DE SÃO LUÍS DE MONTES BELOS-GO**

A história de São Luís de Montes Belos tem início em um período de importante crescimento da região central do Brasil, com grande influência das políticas nacionais do governo varguista, se concretizando e ganhando força com importantes iniciativas da população e governo local. Seu desdobramento histórico reflete em um grande crescimento e relevante importância regional, carregando consigo personalidades, eventos e lugares de importante referência cultural.

### **1.1. Origem de São Luís de Montes Belos-Go**

O surgimento da cidade de São Luís de Montes Belos tem uma relação importante na atuação das políticas nacionais, que refletiu no Centro-Oeste do país de modo imponente e amplo. Foi nesse período que houve grande expansão dos municípios goianos, o que foi uma das consequências expressivas das políticas econômicas do mandato do então Presidente Getúlio Vargas, ao fim da República velha, em 1930, conforme expresso no Plano Diretor Participativo – de São Luís de Montes Belos de 2005 (PDP)<sup>3</sup>.

O governo de Vargas foi dividido em três fases: Governo Provisório (1930 a 1934), Governo Constitucional (1934 a 1937) e Estado Novo (1937 a 1945), conforme Vargas (1938). Este último, um movimento que suscitou intenso crescimento e desenvolvimento do Estado de Goiás. Tal período é marcado por um modelo de governo ditatorial, em 10 de novembro de 1937, o qual é implantado no Brasil e comunicado à população. Nesta época, o Poder Executivo, com

---

<sup>3</sup> A sigla PDP doravante será utilizada como referência ao Plano Diretor Participativo de São Luís de Montes Belos de 2005.

apoio militar, passa a ter controle efetivo sobre as demais instâncias do poder, ação que foi legitimada pela Constituição de 1937, escrita por Francisco Campos, conforme Velloso (1987).

O Estado Novo, mesmo nome usado pela primeira vez no regime fascista português de Antônio Oliveira Salazar, além de seu autoritarismo, foi marcado por políticas de desenvolvimento político econômico, com grandes investimentos na indústria de base nacional, em reformas nas Forças Armadas e em órgãos da Administração Pública. Para o presidente Getúlio Vargas, era necessário inserir, no Brasil, um processo de urbanização, mas apoiando a população. Nessa época (década de 30), o intuito era modernizar o país, não apenas com investimentos em transporte, saúde e educação, mas também reunir todo o território de modo a controlar e unir a população. Visava-se, dessa forma, à segurança nacional para superar os traumas ocupacionais da colonização de modo que o “sertão” passasse a participar do processo de desenvolvimento industrial e urbano. Contudo, isso só era possível com a integração e interligação das regiões que compunham o território nacional, a fim de controlar também as fronteiras do país e evitar possíveis ameaças, fossem elas internas ou externas (PÁDUA, 2007).

Para realizar a conexão e o desenvolvimento das áreas ainda não “civilizadas”, Vargas promove, em 1938, a Marcha para o Oeste que tinha como objetivo salvaguardar o território através do povoamento. Para isso, formaram-se comissões e órgãos governamentais que tinham a missão de levantar dados dessas regiões, analisar e planejar as migrações de modo que direcionassem a efetivação do projeto e a ocupação do território.

De acordo com Capelato (2003), Getúlio Vargas buscou monitorar de perto todas as ações realizadas pertinentes ao projeto de ocupação e teve como objeto a consolidação de uma unidade nacional. O governo conseguiu camuflar as barbáries e gerar um clima de entusiasmo e apoio da população, graças à sua liderança carismática e aproximação das massas. Isso foi possível devido ao controle da imprensa que manipulava todos os meios de comunicação, portando sempre como discurso a importância da Marcha como forma de integrar a pátria por meio de um ideal nacionalista. Era um projeto essencial para a introdução do Brasil à modernidade e um mito para superação da condição do país como subdesenvolvido. Dessa forma, obteve um trabalho muito forte da imprensa e dos órgãos governamentais a respeito daquele movimento, bem como a adesão da população a qual foi atuante e significativa nesse projeto, como massa de manobra.

Nesse processo, durante a exploração desse novo território, o governo imprimia à população, por meio das rádios, jornais, revistas e canais de comunicação em geral, os grandes

avanços das missões, em terras livres e ricas, e aplicava propagandas que destacavam as qualidades do sertão brasileiro. As ações eram embasadas pela ideologia de Ordem e Progresso como fomento do plano varguista, conforme fragmento de um dos discursos do presidente nesse período:

Um país não é apenas uma aglomeração de indivíduos em território, mas é, principalmente, uma unidade de raça, uma unidade de língua, uma unidade de pensamento. Para se atingir esse ideal supremo, é necessário, por conseguinte, que todos caminhem juntos em uma prodigiosa ascensão...para a prosperidade e para a grandeza do Brasil (CAPELATO, 2003, p.147).

Conforme Ricardo (1983), o estado Novo buscava tratar sempre a coletividade, integrando a participação da população e imprimindo a ideologia de união. A Marcha sempre carregava simbologias, como o hasteamento da Bandeira e o canto do Hino Nacional em solenidades realizadas em acampamentos montados ao longo da Marcha. A lembrança da bandeira remete ao período de colonização e imprime uma imagem da Recolonização do Brasil como se Vargas estivesse recolonizando o território brasileiro. O presidente, nesse período, destacava a importância histórica e econômica, defendendo que, devido à ocorrência das bandeiras paulistas naqueles territórios, a região Oeste compreendia “a pura essência da identidade nacional”. A ampliação das fronteiras como complemento da construção da identidade nacional no Brasil do governo Vargas favoreceu o povoamento de regiões brasileiras que, anteriormente, foram esquecidas, como a atual região central, um aspecto marcante da consolidação do estado de Goiás e dos municípios que o compõem. Nesse mesmo período, a nova capital, Goiânia, foi planejada e construída, e novos aglomerados urbanos foram desenvolvidos nos estados. Devido ao incentivo governamental de migração, realizado durante a Marcha, houve, então, um acelerado crescimento populacional da região central.

A localização estratégica da região central foi um importante atrativo para a destinação de recursos e atenção do governo Varguista, recebendo investimentos para o desenvolvimento da malha rodoviária e produção de grãos. A proximidade e a interação política de Getúlio Vargas com o então governador do Estado de Goiás, Pedro Ludovico Teixeira, também contribuíram para o crescimento da região. De acordo com Plano Diretor Participativo – PDP (2005), o povoamento do território central brasileiro resultou na formação de diversos Distritos Goianos, como o do Barreirinho, futuro município de São Luís de Montes Belos.

Durante a Marcha para o Oeste, as terras da região central eram representadas em discursos veiculados à ideia de prosperidade, como terras férteis e de muitos recursos naturais e

atraídas pelo olhar da população a qual era controlada para propósitos ideológicos da Marcha, conforme afirmação a seguir:

O verdadeiro sentido de brasilidade é a marcha para o oeste. No século XVIII, de lá jorrou a caudal de ouro que transbordou na Europa e fez da América o continente das cobiças e tentativas aventurosas. E lá teremos de ir buscar: os vales férteis e vastos, o produto das culturas variadas e fartas; das estradas de terra, o metal com que forjara os instrumentos da nossa defesa e de nosso progresso industrial (VARGAS, 1938, p. 124).

Foi nesse período que ocorreu a criação da revista Oeste, um dos veículos de comunicação oficiais do Governo, que foi publicada de 1942 até 1944. Suas matérias tinham como foco o Estado de Goiás e abordavam aspectos relacionados à fundação da cidade de Goiânia, considerada a nova capital goiana (ARRAIS, 2016). Este meio de comunicação, inclusive, em diversos momentos, expunha as riquezas minerais, como a exploração de Níquel, na atual cidade de Niquelândia, ou divulgava a chegada de investidores na região, que remetia a possibilidade de enriquecimento daqueles que se interessassem pela exploração mineral do local. Neste respectivo processo de mineração e devido à sua posição geográfica centralizada, Goiás foi ponto estratégico para o desenvolvimento de rodovias nacionais que ligavam as regiões centrais ao litoral, bem como para o crescimento da produção de grãos no país. A nova capital do Estado Goiano era importante centro absorvedor de mercadorias das várias regiões do país, repassando-as e interligando-as economicamente às regiões urbano-industriais do Brasil. Esses investimentos na infraestrutura também cooperaram para o povoamento de Goiás.

O crescimento populacional da região foi intenso, conseqüentemente, inicia-se um processo de urbanização de regiões que, há pouco tempo, eram exclusivamente agrárias. A nova cidade apresentara abundante articulação com o Estado de São Paulo, desde o início, recebendo alimentos, tecidos, materiais de construção e ferramentas de trabalho, o que propiciou a crescente valorização das terras, novos investimentos e intensa migração que provocou uma importante transformação da estrutura tradicional de Goiás. Marcou, também, os novos rumos do desenvolvimento do Estado. Outro aspecto marcante para o desenvolvimento da região foi a criação da Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG), promovida pelo Governo Federal, em 1940 e 1950. Tais acontecimentos favoreceram tanto a formação urbana da cidade de Goiânia quanto o lado econômico. Nesse período, houve o aumento da migração, valorização de imóveis, na construção civil e no comércio de lotes (PÁDUA, 2007).

A propaganda oficial dos anos 1930, ressaltando em nível nacional as possibilidades econômicas de Goiás, colaborou para que imigrantes de outros Estados, principalmente a

partir de 1935, ocupassem as adjacências da nova capital e penetrassem nas florestas virgens da zona do Mato Grosso de Goiás (PÁDUA, 2007, p.629).

Logo, nesse mesmo período, a construção de Brasília se revela um importante incentivador da região central brasileira, com a efetivação da ocupação desse território e com consolidação da economia do Brasil central. Essa nova estrutura do Centro-Oeste e o direcionamento das políticas federais resultam na liberdade de criação de novos municípios e distritos. Nesse aspecto, o ciclo de fundação ou emancipação de inúmeros municípios goianos ocorreu na década seguinte. A ocupação do território montebelense tem início na travessia do famoso Córrego Barreirinho, próximo à Praça 4 de outubro e à construção da Avenida Hermógenes Coelho, que, na época, era conhecida como Avenida Federal, ilustrada na figura 1 abaixo. As terras para construção dessa nova cidade foram doadas, nesse mesmo período, pelo Sr. José Luíz Junior, onde foram “instalados uma farmácia, um dormitório, um alojamento, um armazém, um açougue e um cômodo para servir de cadeia”, conforme PDP (2005, p. 07).



Figura 1 - Praça 4 de outubro, a travessia do Córrego Barreirinho e o início da Av. Hermógenes Coelho (na época Av. Federal).

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

A história do município montebelense é “marcada por lutas, conflitos e disputas de terras” (PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO - PDP, 2005, p.5). Conforme o Plano Diretor Participativo – PDP (2005), o caso da cidade de São Luís de Montes Belos, conhecido inicialmente como Distrito de Barreirinho pela Lei Municipal nº19 em 1948, distrito jurisdicionado a Cidade de Goiás, se enquadra nessa perspectiva. Seu nascimento aconteceu devido à tentativa de apropriação

de partes das terras do antigo Barreirinho pelo município de Firminópolis, tomando essa faixa de terra do Distrito de Mossâmedes, conseqüentemente, da Cidade de Goiás. Foi então que, por meio do pedido do vereador José Netto Cerqueira Leão Sobrinho, junto aos fazendeiros da região, ao prefeito da cidade de Goiás, Sr. Hermógenes Ferreira Coelho, foi criado o novo distrito.

Foi em 12 de outubro de 1953, emancipado pela Lei Estadual nº 805 de 12 de dezembro de 1953, assinado pelo então governador do Estado de Goiás, senhor Pedro Ludovico, que o Distrito do Barreirinho se torna município de São Luís de Montes Belos. Então, em 1º de janeiro de 1954, o local teve seu primeiro governo municipal instalado, nomeado e desmembrado do município da Cidade de Goiás, antiga Vila Boa.

A cidade se desenvolveu e se transformou em importante polo para a região em aspectos econômicos, saúde e educação para cerca de 13 municípios no raio de 100 km. Nesse processo evolutivo do município, é possível observar a divisão histórica em 3 (três) períodos bem definidos, conforme PDP de 2005: o primeiro entre os períodos de 1948 e 1963, nos primórdios da cidade; o segundo, entre 1963 e 1986, com o desenvolvimento da pecuária; e o terceiro, entre 1986 e 2005 (ano de elaboração do PDP), como polo educacional e de agronegócio. Ousamos citar o atual desemaranhar de um 4º (quarto) período, na consolidação do polo educacional e do intenso crescimento na área da saúde. À essa sobreposição de épocas, períodos e atividades, de acordo com Pesavento,

[...] a cidade, enquanto materialidade, é palimpsesto de formas, que se remetem à imagem arcaica do tecido ou trama na qual superpõem várias camadas, mais ou menos aparentes, se não invisíveis de todo. [...] a cidade é, sobretudo, exibição da marca do homem num mundo mutável, e as sociedades antigas cedem lugar às novas. Os prédios tornam-se espaços de novos usos ou, na maioria das vezes, as edificações preservadas, tornadas um patrimônio a zelar, seguem o destino de transformar-se em centros culturais, adaptando-se novas funções e práticas sociais (PESAVENTO, 2005, p.115).



Figura 2 - Hospital Regional de São Luís de Montes Belos

Fonte: Site Imed

Nessa imagem, na figura 2, é possível elucidar o crescimento do município, já que este é um dos primeiros hospitais da cidade, que permanece até os tempos atuais como importante equipamento urbano para os cidadãos da cidade e região. A consequência dessa evolução da cidade, diante do olhar da comunidade montebelense, evidencia uma desconexão com sua história. Em relação à juventude nascida nessas terras, percebe-se o desinteresse com suas origens, o desconhecimento da trajetória histórica do município, dos seus antepassados e do que ou de quem salvaguarda as representações que recontam seu passado de modo tangível ou intangível. Os “lugares de memória”, primeiras edificações que fazem parte da paisagem urbana ainda nos dias atuais, se enquadram entre eles e sofrem com dois fenômenos específicos. Primeiro, o avanço da modernidade arquitetônica e urbanística. E, em segundo, com o “preconceito” da população local que o percebe como um bairro decadente, portanto, desvalorizado do ponto de vista comercial e social; aspectos a serem problematizados posteriormente.

Visto que, teoricamente, uma sociedade que não conhece suas origens é uma sociedade sem identidade, entende-se que a memória coletiva a respeito do passado montebelense tornou-se um saber restrito a um grupo de guardiões da memória e que, na maioria das vezes, foram protagonistas de algumas das fases de crescimento e desenvolvimento do município entre as décadas de 1950 a 1980.

Neste contexto, é evidente a necessidade de conservação da memória e identidade de São Luís de Montes Belos-Go. Para tanto, é imprescindível restabelecer o acesso da sociedade à sua historicidade, de forma que a comunidade montebelense tenha acesso a seu acervo histórico e

cultural e se reedueque quanto à valorização de sua identidade e bens culturais. Sabendo disso, este estudo tem como objeto a investigação histórica das origens montebelenses, a fim de levantar potenciais ações de valorização e rememoração da história e identidade local.

## **1.2. Memória, preservação e história em fotografia**

A memória pode ser entendida como a vocação que o indivíduo, enquanto ser social, tem de conservar e armazenar informações e experiências passadas. Pode ser tratada como individual e coletiva, pois é considerada um fenômeno estruturado, fisiologicamente, ao ser humano e, portanto, objeto das ciências da saúde, tais como a psicofisiologia ou a psiquiatria. Ela também é abordada por filósofos, sociólogos e historiadores, tratando-se da memória como consequência da relação do indivíduo com a sociedade (meio), de forma que seria impossível desvincular o primeiro do segundo. É algo que se constrói a partir dos fenômenos sociais, ou seja, das relações entre as pessoas de um determinado grupo, moldando, a partir disso, a maneira de esses integrantes pensarem, agirem e se expressarem, segundo Borges, Oliveira e Silva (2011).

Nesse sentido, é possível afirmar que a memória acontece no presente, ela se conecta ao passado por meio do presente, composta a partir da realidade e se estrutura através da dinâmica social. Assim, o ato de lembrar nada mais é do que a interpretação de um evento passado por entre uma perspectiva presente, que é constituída das influências de um olhar contemporâneo subsidiado pela trama social, que estabelece, a partir da relação do indivíduo e a sociedade, novos signos relacionados a um evento decorrido, o qual refaz, repensa e reconstrói ideias ou imagens amalgamadas, no hoje, às vivências pretéritas. Entende-se, portanto, que as memórias individuais e coletivas, enquanto produtos de uma sociedade, são fundamentadas atendendo a um conjunto de elementos indispensáveis para sua formação, manutenção, modificação e compreensão das identidades. Para Borges, Oliveira e Silva (2011), “[...] ela é operação ideológica, um processo psico-social que produz representações a fim de tornar o universo material e espiritual inteligível para os grupos sociais” (p. 11).

Halbwachs (2006) também discorre sobre o tema “memória coletiva”, relatando a relação indissolúvel da constituição da memória individual em detrimento dos fatores externos, isto é, a coletividade. O autor ressalta a impossibilidade de se isentar da influência do meio na construção da memória individual, em que sua perspectiva de qualquer circunstância, elemento ou lugar está impregnada da percepção criada de outros indivíduos.

Em síntese, para Halbwachs (2006), o indivíduo consegue se lembrar de algo a partir do que viu, fez e pensou em um determinado momento. A memória individual não se mistura com a dos outros e está delimitada em um espaço e tempo particular, mas que não se difere da memória coletiva a qual pode possuir limites mais estreitos ou mais distanciados. Dessa forma, compreende-se que o indivíduo carrega consigo uma soma de lembranças e histórias, muitas delas vividas e compreendidas individualmente e influenciadas pela percepção da coletividade, outras vezes, impregnadas na memória, sem vivência própria, mas inseridas mediante uma cultura. É uma bagagem carregada da vida em sociedade, ou seja, “[...] de lembranças históricas, que posso aumentar a partir de conversas ou de leituras – [...] uma memória tomada de empréstimo, não é a minha” (HALBWACKS, 2006, p. 72).

A memória se mantém desde que ela comungue entre indivíduos e grupos e seja fortemente afirmada em um ser que se sinta representado. Ela também trata de um ideal coletivo como reforço e reafirmação. O olhar comum entre os indivíduos lhes transmite segurança, credibilidade e pertencimento. A lembrança não se mantém se não fizer sentido ao ser humano, mas se perpetuará àqueles que carregam em si seus signos. É através desse sentimento - de ser - que se mantém viva a lembrança a qual dá luz à memória, seja coletiva ou individual, é onde ela se estabiliza, se reinventa e se reafirma e é passada aos participantes de um grupo social. Podemos ainda ressaltar que tais memórias ainda são influenciadas por lembranças temporais e locais, criando um sistema de recordações que oferecem consistência às memórias coletivas de determinados grupos sociais.

As memórias se baseiam também na sucessão do tempo e, muitas das vezes, são determinadas por convenções e costumes. É a partir da divisão de épocas que a ordem das fases da vida em sociedade acontece. A representação coletiva dos períodos é indispensável para a vida em comunidade, conseqüentemente, é necessário que haja um acordo entre os homens sobre ciclos e durações. E essas limitações de tempo têm uma importante interferência na vida coletiva, impregnam-se a certos costumes, rotinas, hábitos ou atividades do saber/fazer, é o tempo social que se impõe à consciência individual. A divisão das fases oferece aos indivíduos medidas tangíveis para relacionar a memória e compartilhá-la em sociedade, sendo possível reportarmos às lembranças com determinados pontos de referência periódicas, entendíveis e identificáveis pelo outro. Os fenômenos vivenciados podem ser constatados com precisão; a percepção e pensamento podem ser simultaneamente relacionados.

São nessas representações abstratas do tempo que inúmeras memórias individuais acontecem, e, dessa forma, sustenta-se que a memória coletiva é formada por infinitas recordações individuais que se conjugam em um determinado fragmento de período comum, logo, é a consciência coletiva que torna o tempo real. Tempo este que localiza a memória em um espaço-tempo mensurável e tangível, o qual se relaciona e é perceptível a diferentes grupos. Dessa maneira, quando um acontecimento afeta uma coletividade durante o mesmo fragmento periódico -tempo-, a consciência conjunta gerada nesse momento se aproxima e se funde em uma representação comum. Tal consciência se assegura por suas particularidades da realidade percebida e mantida pelo grupo.

A memória comum é mantida mediante o entendimento do momento do acontecido com uma intensa relação espacial. O lugar ou os objetos envolvidos são elementos indissociáveis à memória, tida como um lugar não consubstanciado a um território, mas à “objetificação” particular do momento vivido. Visto que se trata de algo inerente ao ser humano, percebe-se sua intensa relação com elementos físicos, sejam eles um espaço, uma mobília, uma escultura, ou diversos objetos materiais que os rodeiam. O contato diário com esses elementos gera um imaginário de permanência e estabilidade mental nas pessoas. De fato, objetos e lugares físicos, são importantes representações do intelecto, visto que geram pensamentos que nos remetem a pessoas e acontecimentos, aspectos que contribuem para a geração de vínculos e lembranças. Ainda que silenciosos e imóveis, expressam determinada linguagem de grupos ou, até mesmo, símbolos culturais. Em muitos casos, são itens que compreendem a expressão da maneira de ser e viver de muitas pessoas, períodos históricos ou estilos específicos de um tempo ou grupo. Eles exteriorizam uma identidade. Desse modo, os objetos e seus significados correspondem a uma sociedade muda e imóvel (HALBWACHS, 2006).

Um ótimo exemplo da relação da memória com coisas materiais é a continuidade expressiva da disposição de alguns itens específicos do interior de uma residência herdada, como quadros decorativos que são mantidos pelo familiar que a herdou, a fim de que isso rememore os caracteres de sua história. Um grupo se molda à sua imagem, se adaptando, mas mantendo os traços de sua referência originária, com intenção de que tal característica resista ao tempo e mantenha a memória estabelecida pelo interior dessa edificação. É a imagem espacial da casa que exerce o papel de garantir a memória coletiva. Mantém-se então escrita, numa espacialidade, uma camada de história a ser rememorada por seu grupo. Mesmo com as ações e alterações contínuas e naturais

da vida humana que atingem determinado espaço, por sua vez, seus símbolos reúnem e traduzem sua essência. São detalhes que remetem a sentimentos e sentidos específicos dos indivíduos dessa família, membros que comungam das particularidades simbólicas de um grupo social, que se diferencia da sociedade como um todo.

Essa relação entre a memória e os espaços físicos também pode ser expressiva em zonas urbanas, pois morar na cidade é constituir diariamente vínculos imaginários entre o ser e o espaço. Os locais urbanos são carregados de vivências, de experiências, de momentos, de eventos e tramas da formação de indivíduos, representando importantes símbolos para aqueles que usufruem da *urbe*, tornando-se espaços memoráveis, base referencial do sujeito ou de grupos sociais, em que sua existência lança raiz ao território para firmar-se nas memórias, as quais se revelam muito mais amplas ao ser como sujeito individual, mas também subsidia a memória de um povo, suas histórias ou relações com seus antepassados.

Grupos sociais se formam em determinadas regiões da cidade e tomam aquele território como referência imprescindível de diversos acontecimentos. Os bairros, as ruas, as casas, os comércios, a praça, a vizinhança são fragmentos de eventualidades que, unidos, dão vida a lembranças e contam uma história particular do local. São, portanto, espaços regados de emoções e experiências, símbolos e significados. Em um dos seus livros, Halbwachs (2006) cita alguns exemplos de grupos sociais e diversas formas de resistência de seus membros diante das mudanças, no espaço urbano, e reforça o seguinte:

Os grupos de que falamos até aqui estão naturalmente ligados a um lugar, porque é o fato de estarem próximos no espaço que cria entre seus membros as relações sociais: sua família, um casal pode ser definido exteriormente como o conjunto de pessoas que vivem na mesma casa, no mesmo apartamento, ou, como diz no recenseamento, sob o mesmo teto. Os habitantes de uma cidade ou de um bairro formam uma pequena comunidade, porque estão reunidos em uma mesma região (HALBWACHS, 2006, p. 165).

É interessante ir além e perceber o quanto a cidade e sua formação são expressivas e, conseqüentemente, reflexos da sua sociedade fundadora. O desenvolvimento de bairros, muitas das vezes, são resultados das atividades que ali permeiam, suas ruas refletem características predominantes de sua constituição, a caracterização distinta de uma rua comercial de uma residencial, e espaços que se distinguem de acordo com grupos sociais e econômicos. É espaço que por si conta sua própria história, exteriorizando aos seus visitantes sua singularidade. Acerca disso, Halbwachs (2006, p. 169) afirma que “assim se revelam aos olhos de seus passeantes todas as

nuanças das condições, e não há nenhuma paisagem urbana na qual essa ou aquela classe não tenha deixado sua marca”.

Os lugares se tornam fortes símbolos, inclusive, na religião. As igrejas, templos e espaços de devoção são distintos de diversos outros espaços socialmente constituídos, possivelmente por sua carga simbólica. A memória religiosa se desenrola a partir da subsistência do espaço e tem uma profunda relação íntima do local com seus membros. Sobre essa questão, Halbwachs (2006) admite que

[...] não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda (HALBWACHS, 2006, p. 170).

Então, tomamos também como referência o conceito de Bergson sobre o tema, em que ele relaciona memória e imagem. O autor expressa que a memória se forma através da evocação das percepções do passado às percepções do presente e esclarece que relembramos o que aconteceu anteriormente, assim, o que aconteceu em seguida o cérebro analisa e escolhe o mais útil, lançando vista a uma nova percepção, “nossa memória escolhe sucessivamente diversas imagens análogas que lança na direção da percepção nova.” (BERGSON, 1999, p.116).

Dessa forma, para Bergson (1999), a memória não nos abandona nunca, ela sempre está presente em sua integralidade em toda nossa vida, se atualizando e se moldando de acordo com a atualidade. A memória se encontra onipresente a todo momento e é fonte infinita que alimenta o presente, além de possibilitar ao ser humano uma variedade de respostas em certas situações que multiplicam seus possíveis cenários. Por conseguinte, o homem deixa de reagir no automático, com reações padrões e repetitivas, e se abre a uma infinita recriação de reflexos, a liberdade.

A memória é defendida por Bergson (1999) não como um retorno ao passado, mas sim como engrenagem para o presente e para o futuro. Ela é regente das identificações e representações das imagens que nos rodeiam, imagens essas criadas por nós a partir da matéria. São essas interações - nas quais o cérebro identifica a imagem das matérias a partir da memória - que geram a percepção e configuram nossa relação em sociedade e com o mundo material.

[...] Por ela [imagem-lembrança] se tornaria possível o reconhecimento inteligente, ou melhor, intelectual, de uma percepção já experimentada; nela nos refugiaríamos todas as

vezes que remontamos, para buscar aí uma certa imagem, a encosta de nossa vida passada (BERGSON, 1999, p. 62).

Nora (1993) ressalva que a memória não é espontânea e que os lugares de memória nascem e vivem desse sentimento de não espontaneidade. Por isso há os apelos a comemorações de aniversários, celebrações, pronunciamentos fúnebres, todos eles no intuito de geração de arquivos. Os lugares de memória nada mais são do que construções que alicerçam as lembranças. Os lugares de memória permitem a manutenção da lembrança, de forma que a história os transforma, deforma, molda e os petrificam, garantindo assim sua permanência. Ainda sobre os lugares de memória, Nora (1993) relata que eles dependem de cuidados de vigilância e manutenção - se não, rapidamente, a história os dissiparia -, e afirma: “A necessidade de memória é a necessidade da história.” (1993, p.13). Desse modo, os lugares de memória constituem-se da interação da história e da memória e são carregados na combinação de intenções de memória junto a sua predisposição a transformação, ressaltando seus sentidos e um emaranhado imprescindível de subdivisões, “[...] a memória é que dita e a história que escreve” (NORA, 1993, p.24).

A rememoração de eventos passados só é possível através da evocação do lugar que, muitas vezes, não conhecemos, mas sabemos da existência, e poderia ser visto e testemunhado. Conforme Pesavento (2008), o cidadão adota espaços de memória como pontos de referência e atenção para situar-se no tempo e no espaço urbano. Esses locais são carregados de história. Dessa maneira, se correlaciona a ideia de memória e história, e ambas se configuram como narrativas do passado, retratando no presente um momento que passou, sejam estes acontecimentos, momentos, eventos, atos que se findaram e não são possíveis vivenciar novamente, ou seja, que estão indisponíveis à repetição. Mas isso não os tornam perdidos ou algo irrecuperável, pelo contrário, por meio do imaginário, é possível recuperá-los e recriá-los a partir de imagens e discursos. E é nessas histórias que o espaço se torna singular, sujeito excepcional e irrefutável da memória. Desse modo, “uma cidade é, pois, detentora de história e memória, assim como também o é desta comunidade simbólica de sentido a que se dá o nome de identidade” (PESAVENTO, 2008, p. 4).

Eis que a lembrança, como meio de transcrição do passado, ilumina a história possibilitando a leitura, o entendimento e o reconhecimento do passado e da identidade de uma sociedade que cria a cidade. Sendo assim, é através da memória que se transfiguram os bens culturais e o repasse destes às futuras gerações. Ela dá fruto ao sentimento de pertença, de um reconhecimento individual numa sociedade. Ela acolhe, identifica e abriga o ser ao grupo. E este,

por sua vez, é um considerável ponto que elege a cidade como objeto da memória, patrimônio de uma sociedade a ser preservado.

Tendo como objeto o espaço urbano, nada mais rico de história do que o núcleo espacial que deu origem à cidade. É nele que se faz morada o maior encadeamento de acontecimentos memoráveis à sociedade. Implica-se, nessa região, os primeiros traçados e equipamentos urbanos e as primeiras moradias que deram início à *urbe*. Também é comum encontrar, nesses locais importantes, centros políticos e religiosos que representam potenciais espaços de sociabilidade. Articulando a respeito, Pesavento (2008) levanta três componentes primordiais na formação de um centro urbano, são eles: o primeiro, o que revela sua materialidade, que são os elementos que estruturam o traçado originário da cidade, bem como sua organização físico-espacial e do espaço construído; segundo, a apropriação do espaço pela sociedade, suas funções e relações, experiências e transformações no território com o passar do tempo; e, por fim, seus símbolos e significados gerados através do imaginário criado nesse espaço-território no tempo.

A mesma autora ainda reforça que, ao se tratar da história e da memória de uma cidade, a escolha do centro urbano como objeto, se comparado ao corpo humano, seria o coração. Logo, ele carrega maior representatividade no imaginário de uma população, com uma grande carga simbólica que em sua materialidade subsidia as biografias e lembranças coletivas de seus habitantes. Mas, em muitos casos, tais imaginários se perdem nas mudanças geradas a partir da expansão urbana. Assim, como o centro de origem da cidade, os centros urbanos são os que mais sofrem com o crescimento, muitas das vezes, desenfreado da *urbe* (PESAVENTO, 2008).

Foi embasado na importância do centro urbano como significantes lugares de memória e incontestável precursores das memórias coletivas, que demos início à identificação de importantes marcos históricos de São Luís de Montes Belos. Para isso, foram realizadas visitas “*in loco*” e pesquisa em acervos fotográficos e documentais, que, através da análise historiográfica, cruzamento de dados e correlação de aspectos de espaço/ tempo, foi possível apontar alguns locais como os mais relevantes portadores de signos e representatividades históricas dessa cidade.

Para elucidar a representatividade do espaço constituído pela cidade em suas fases de concepção e revelar os significados do processo evolutivo de uma sociedade, tendo por base o núcleo urbano que originou o município de São Luís de Montes Belos, podemos começar pela Avenida Hermógenes Coelho. Inicialmente, chamada de Avenida Federal, faz parte do centro urbano e corta toda cidade, ligando suas extremidades e se tornando via de intenso tráfego de

pessoas, ponto de intensa sociabilidade, que, até os tempos atuais, é percurso principal de passeatas e eventos. Ela também apresenta significativa referência no traçado urbano com sua estrutura e características, via expressivamente linear, de mão dupla e a mais larga até o momento, planejada para alto tráfego. O lugar demonstra sua imponência não apenas pela amplitude, mas também como principal ponto de referência da cidade e de valorização imobiliária para fins comerciais.



Figura 3 - Praça Dom Stanislau Van Mellis

Fonte: Felipe. Disponível em:

<<https://www.ferias.tur.br/fotogr/47212/pracadarepublicaporfelipe/saoluisdemontesbelos/>> Acesso em 02 de jun. 2021.



Figura 4 - Antiga Avenida Federal

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

Na extensão dessa imponente avenida, encontram -se locais pontuais que reforçam sua importância desde os primórdios da cidade, os quais podemos dar destaque à praça e à Igreja

Catedral de São Luiz Gonzaga (Figura 3), à região de travessia do Barreirinho e à Praça IV de outubro (Figura 4). A região de travessia do córrego Barreirinho é um exemplo característico de distanciamento do “lugar de memória”. Nessa localidade que nasceu a Avenida Hermógenes Coelho (na época Avenida Federal), via arterial que corta a cidade e que representa fortemente o traçado urbano inicial do município e, também, local das primeiras edificações. Área que reside total descaracterização. As imagens do lugar permitem compreender o intenso processo de depreciação e desvalorização da área. A região se desenvolveu mediante ocupações desordenadas. Em seu entorno, a malha urbana é estreita e sem as devidas infraestruturas e cuidados com os elementos originários. Há, no setor, o desencadeamento de área periférica, que gera o efeito gradativo da violência e da insegurança, além de outros problemas sociais.

É nessa região, Setor Inicial, que se encontra a Praça IV de outubro, e também é conhecida como Praça do Barreirinho, que abriga, até hoje, a expressividade de importantes agentes da origem e formação urbana, onde atualmente se encontra como local de homenagem aos pioneiros da cidade através da exposição fotográfica deles. Este exemplo de paradigma sofrido pelos lugares de memória da cidade de São Luís de Montes Belos sofre com o abandono e escassez de infraestrutura básica, tornando-se um espaço de marginalização. Esses casos são espaços urbanos que se relacionam diretamente com os primórdios da cidade, que refletem o momento memorável do seu nascimento - o distrito do Barreirinho - e estão esquecidos. É, portanto, um espaço retentor de inúmeros acontecimentos importantes que subsidiam a identidade originária da população.

Assim, como na maioria das cidades tradicionais brasileiras, há sempre uma praça e uma igreja como principal ponto de encontro da população. Não diferente, a praça da igreja católica de São Luís de Montes Belos e a própria Catedral representam um marco simbólico na formação do município. É nelas que, até hoje, se reúnem pessoas para festas, cultos religiosos e diversas atividades de interação social.



Figura 5 - Prefeitura Municipal de São Luís de Montes Belos  
Fonte: *Site* Ministério Público do Estado de Goiás, 2020.

Outra importante materialidade, que sofreu transformações recentemente, é o prédio sede da Prefeitura Municipal, exposta na figura 5. Suas características arquitetônicas originais estão sendo alteradas, gradativamente, através de pequenas intervenções que, aos poucos, vêm rompendo com os traços de sua concepção primária. Tais interferências, mesmo que singelas, alteram aspectos culturais e históricos de sua construção, abalando sua originalidade formal, mas mantendo sua representatividade imagética na construção da paisagem urbana e dos lugares-memórias que se ancoram a identidade social.



Figura 6 - Terminal Rodoviário sendo construído em 1970  
Fonte: Acervo particular de Erly Barbosa

Outra construção relevante na história monte-belense é a antiga rodoviária. O terminal rodoviário foi construído no início da década de 70, ilustrado na figura 6, e é um equipamento

urbano marcante desde sua inauguração, evento que aconteceu na década de 1972, com intensa participação da população local, conforme na figura 7 e 8. É um local memorável aos visitantes e moradores da cidade. A rodoviária carrega em si eventos de grande significado emocional, como um espaço de infinitas memórias, restabelecendo importante relação de retirada e retorno, acolhimento e chegada em sua casa, o início de novas fases, o distanciamento ou reaproximação da família, amigos e entes queridos.



Figura 7 – Inauguração Terminal Rodoviário – Prefeito Mário Cândido, José Netto e funcionários municipais em 1972

Fonte: Acervo particular de Erly Barbosa.



Figura 8 - Inauguração Terminal Rodoviário – Prefeito Mário Cândido, José Netto e funcionários municipais em 1972.

Fonte: Acervo particular de Erly Barbosa.

Relacionando esse ideal de desenvolvimento e as relações de perda da memória, temos também a abordagem de Ecléa Bosi (1994), que trata em seu livro sobre a desvalorização e exclusão dos velhos na sociedade atual, conceitos de memória e a importância da memória da velhice. A autora expõe a opressão dos velhos diante da industrialização dos tempos contemporâneos, a qual valoriza a lucratividade, produção e agilidade dos processos, e desvaloriza toda carga histórica que

eles salvaguardam. Os velhos foram, no passado, a força que construiu o presente, são eles importantes geradores da sociedade atual, aqueles que repassam as lembranças e histórias das pessoas, objetos, lugares e tempo, eternizando, assim, suas memórias. É preciso ressaltar que a velhice é importante formador do indivíduo jovem, influenciando-o desde a infância até sua fase produtiva (apto ao trabalho), o que faz com que o indivíduo seja formado pelo passado, através das histórias vivenciadas pela atual velhice.

A partir das leituras de Bosi (1994), é possível entender que os velhos são a prova viva do passado, retentores dos processos de formação do presente. Consequentemente, como portadores da memória, eles possuem função de memória social, aqueles que oportunizam a recuperação de um tempo e seus signos. Essas partilhas entre gerações são responsáveis por muitas memórias em que o indivíduo não esteve presente, mas as gerou diante do compartilhamento, são as memórias coletivas. Recordações que se remetem a um valor simbólico de um grupo ou comunidade, valor inestimável.

Ainda, no bairro de origem de SLMB<sup>4</sup>, podemos pontuar personagens importantes de seu desenvolvimento, tais como: Waldemir Xerife, José Netto Cerqueira Leão Sobrinho, Jutair Netto Cerqueira Leão, José Luiz Pereira Júnior, Valdemar Basílio da Silva (Neném Basílio), Deusdedit Delfino de Brito, João Antônio dos Santos (João Piau), José Netto Cerqueira Leão (Zeca Netto), Domingos Luiz Pereira, Pedro Luiz Pereira, Joaquim Fernandes de Moraes, Basílio de Araújo, José Torquato da Silva, Joaquim Marinho Barbosa (Joaquim Leonardo), João Silva Costa (Dandico), José Mineiro, Pedro Joaquim dos Santos e muitos outros. Muitas Senhoras se destacaram no pioneirismo de São Luís de Montes Belos, tais como: Sebastiana Ferreira Netto (Dona Nêga), Colombina Netto (Dona Bina), Custódia Maria, Joaquina Rita de Jesus (Dona Quininha) e outras mais. Sobre tais pioneiros, podemos destacar o Sr. Waldemir Xerife, salvaguardião de importante acervo documental da cidade. Amparados em fotografias e recortes deste acervo, foi possível comparar e identificar o traçado urbano e os potenciais lugares de memória que identificamos acima, levando em consideração a abordagem sobre a importância da singularidade da linguagem arquitetônica na malha urbana de Lynch (1960), “uma vez que o uso de marcos implica a escolha de um elemento dentre um conjunto de possibilidade, a principal característica física dessa classe é a singularidade, algum aspecto que seja único ou memorável no contexto.” (LYNCH, 1960, p. 88).

---

<sup>4</sup> Município de São Luís de Montes Belos -GO.

O fato de a paisagem urbana encontrar-se em constante alteração é o principal fator para a perda da memória e da história coletiva que interliga a sociedade do passado com a do presente e futuro. Por isso, é indispensável preservar essas memórias com o objetivo de que a identidade da cidade não se perca.

A problemática observada é que essa mudança acelerada dos centros urbanos traz como consequência a perda de referência espacial das memórias coletivas. Desse modo, há, então, a desvalorização e o descaso com os bens culturais, aspectos que colocam em risco a identidade de diversos grupos sociais, em especial, dos habitantes da cidade. Se os centros urbanos são percebidos como um território de grande representatividade histórica e do desencadear de processos evolutivos da *urbe*, trazer à tona essa concretude é o caminho mais adequado para manter a identidade local. Recurso este que só é possível através do conhecimento de suas origens, acontecimentos e fatos que fazem dela inigualável pelos cidadãos que nela habitam.

Restabelecendo os vínculos entre lembranças e a sua materialidade estruturante, seu tempo-espaço, por meio de reflexão e conhecimento do processo de evolução do espaço conjugado às histórias existentes, permite o resgate da memória. Dominar os fenômenos culturais e sociais da cidade, preservando a rememoração desta, é um importante estímulo para manter a identidade de seus habitantes. O reconhecimento dos elementos construídos, arquitetônicos e urbanísticos, recorrendo à memória comum, materializa a identidade histórica local. Conforme Nora (1993, p. 7), “há locais de memória porque não há mais meios de memória”; assim, este método é indispensável para concretizar a história e solidificar as lembranças.

Esse ideal de preservação pertence a um longo processo de discussões e desenrolamentos históricos e políticos, que, conforme Alves (2016), teve início no Brasil em 1742, com a primeira proposta de preservação do Palácio de Duas Torres, por Conde Galveas, tendo como marco duas fases: a primeira, em 1937, em que houve a criação do SPHAN, Serviço de Proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, até o ano de 1967; e, em um segundo momento, em 1979, com Aloísio Magalhães. É importante ressaltar que essas discussões se estendem até a atualidade, baseando-se tanto em instrumentos jurídicos de intervenção, quanto a ações pontuais de diversas origens e amplitudes. Mas que, conforme Pelegrini, “De toda forma, os bens culturais tomados como “legado vivo” que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às gerações futuras, reúnem referenciais identitários, memórias e histórias – suportes preciosos para a formação do cidadão” (PELEGRINI, 2009, p. 23).

Dessa forma, as memórias e referências do passado são importantes ferramentas que condicionam a interação entre os indivíduos e suas diferenças, dando coesão aos afetos, tradições, sensibilidades e histórias. Elas também são importantes mecanismos de elucidação das diferentes culturas, afirmando a diversidade como essência do convívio em sociedade. A partir disso, a memória e o acautelamento do patrimônio cultural de diversos grupos são um direito que constitui um significativo exercício de cidadania necessária para que a coletividade fundamente as bases de suas transformações sociais.

A partir da preservação da memória e através do restabelecimento dos vínculos imaginários, é provocada a valorização histórica, e seus vínculos identitários são assegurados. A cidade revela suas camadas e se desfolha sob suas sobreposições, na medida em que a comunidade se reitera do seu existir. O reconhecimento da história e identidade busca a sobrevivência da cultura de um grupo. Preservar sua memória, ou seja, seus bens culturais, entendendo e reconhecendo-os como patrimônio que representa grupos sociais, manifestações, hábitos, práticas culturais da cidade, promove o repasse desses caracteres às próximas gerações.

Acerca da preservação, há também um aspecto relevante a ser abordado, a educação patrimonial, a qual se trata do entendimento de patrimônio cultural como direito de todo cidadão. Neste aspecto, direcionemo-nos às interferências humanas na paisagem urbana, revisando as atitudes intervencionistas que, muitas vezes radicais, ferem a estrutura cultural da sociedade. É necessário, assim, por meio de instrumentos educativos, oferecer informação e valorização dos bens que representam a história de um povo e, de igual modo, considerar a consciência da população e suas atividades em detrimento dos bens patrimoniais. É importante, inclusive, que a sociedade em geral reconheça esses recursos como herança viva e que, juntos, seus membros possibilitem sua preservação, proteção e salvaguarda; não deixando de reconhecer que,

Por certo, todos esses bens culturais apreendidos como “expressões da alma dos povos” conjugam as reminiscências e o sentido de pertencimento dos indivíduos, articulando-os a um ou mais grupos e lhes assegurando vínculos identitários. Não obstante, reiteradas ameaças às tradições culturais e ao meio, tão corriqueiras na atualidade, abalam as perspectivas da própria sobrevivência humana (PELEGRINI, 2009, p. 14).

Ainda sobre esse ideal de conscientização e o cidadão como principal atuante na preservação do patrimônio, a Declaração de Amsterdã (1975, p. 2) afirma que “o patrimônio arquitetônico não sobreviverá a não ser que seja apreciado pelo público e especialmente pelas novas gerações. Os programas de educação em todos os níveis devem, portanto, se preocupar mais

intensamente com essa matéria”. Sem a apreciação do bem cultural, as intervenções no traçado urbano, nas edificações e nos elementos de referência dos primórdios e ciclos evolutivos das cidades se manterão em risco.

A partir do sentimento de pertencimento e consciência da sua essência existencial, o indivíduo se vê como cidadão atuante e responsável pela preservação e se preocupa em proteger os bens coletivos, revendo e mudando suas ações. Isso desperta o cuidado ao tocar, ao intervir, ao manipular o bem que não pertence exclusivamente a ele e que, mesmo sendo uma propriedade privada, representa a sociedade. Consequentemente, o respeito e o sentimento destinados aos recursos materiais trarão à comunidade zelo em suas intervenções, agindo na cidade de forma mais cautelosa e consciente.

Logo, a trama urbana é vista através de uma nova perspectiva: a composição da paisagem urbana como bem cultural e a cidade como patrimônio. O bem a ser preservado em busca da manutenção da identidade local, que incita o cidadão à reflexão sobre os valores culturais urbanos e à qualificação da vida em sociedade.

A paisagem urbana, resultante da intervenção do homem e suas relações sociais no espaço (natureza), admitindo-se a conjugação da arquitetura e da malha urbana, retrata o passar do tempo, seja na destruição e reconstrução, seja na preservação das estruturas pré-existentes às novas (PESAVENTO, 2005). A cidade, assim como o palimpsesto, revela, em sua concretude, o entrecruzamento das memórias, o desfolhamento da história. Pesavento (2005) elucida a representatividade do espaço constituído pela cidade, na possibilidade de revelar os significados do processo evolutivo de uma sociedade em suas fases de concepção, expondo signos que revelam sentido ao passar do tempo, o que possibilita decifrar grandes acontecimentos, eventos e personagens, bem como, dar sentido à “construção das representações sobre o passado da Cidade”. Ainda, conforme Pesavento,

[...] a cidade é, sobretudo, exibição da marca do homem num mundo mutável, e as sociedades antigas cedem lugar às novas. Os prédios tornam-se espaços de novos usos ou, na maioria das vezes, as edificações preservadas, tornadas um patrimônio a zelar, seguem o destino de transformar-se em centros culturais, adaptando-se novas funções e práticas sociais (PESAVENTO, 2005, p. 115).

Eis que a memória, como meio de transcrição do passado, dá luz à história, possibilitando a leitura, o entendimento e o reconhecimento do passado e a identidade de uma

sociedade, bem como, de uma cidade. Sendo assim, é através da memória que se transfiguram os bens culturais que são passados às futuras gerações. Mas, com o avanço tecnológico, surge uma nova forma de representação cultural e um novo modo operante de repasse das memórias e transcrições do passado, mediante registro fotográfico. De acordo com Gralha (2014, p. 58), “faz surgir uma cultura visual célere e fragmentada, apesar de compromissada com a preservação da memória individual e coletiva”. É uma forma de congelar um momento a fim de registrá-lo, permitindo que ele seja comprovado, vivenciado e repassado a outros indivíduos. São meios de facilitar a compreensão de um todo, por entre um conjunto de referências importantes que dão sentido a um contexto.

Kossoy (2001), em seu livro, define a fotografia como imagem real retida que “fornece testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. [...] É o que resta do acontecimento, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte” (p. 36,37). Dessa forma, é possível compreender, identificar e tomar conhecimento da história da *urbe*, por meio do acesso a registros fotográficos, como é o caso dos primórdios das ocupações de São Luís de Montes Belos, na região do Barreirinho, na antiga Avenida Federal, atual Avenida Hermógenes Coelho. Assim, pode-se ilustrar o desenvolvimento da cidade, de forma a entender aspectos relevantes relacionados ao processo de concepção e evolução da malha urbana atual.



Figura 9 - Avenida Federal

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 10 - Avenida Hermógenes Coelho  
Fonte: Ivan Filho

Segundo testemunhos orais informais, percebemos que o sentimento do cidadão, ao ver essas imagens 09 e 10, é de indescritível emoção. Através delas, o indivíduo recorda-se da infância, da juventude, dos tempos de estrada de chão, da acolhida em sua cidade. A atual Av. Hermógenes abriga tantas lembranças, aquele passeio de bicicleta, o primeiro beijo, as brincadeiras na pracinha, enfim, a vida de uma outra época em outros moldes.



Figura 11 - Desfile dos Cavaleiros na Av. Hérmogenes Coelho (1950)  
Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 12- Recepção aos cavaleiros na Av. Hermógenes Coelho (1950)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

Nas imagens 11 e 12 retratadas acima, é possível identificar ainda a expressividade da Avenida Federal, atual Avenida Hermógenes Coelho, que, desde os primórdios desse aglomerado urbano, é cenário de importantes eventos e sociabilidades. Por meio dessas fotografias, o cidadão consegue restabelecer o vínculo memorável da paisagem urbana e civilidades realizados nessa localidade.



Figura 13- Dia da Emancipação

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

A imagem da emancipação, expressa pela figura 13, representa um grande legado aos moradores dessas terras, emblemático registro que remete ao momento de vitória das lutas e conquistas desse território, dando início, oficialmente, ao município e reforçando a identidade do povo deste aglomerado urbano como cidadão montebelense. Outro aspecto a ser observado através desse registro fotográfico são as características de fundação dessa *urbe*, as primeiras construções e

seu traçado, evidenciando a simplicidade arquitetônica desse período e o início da formação de toda uma paisagem urbana.



Figura 14- Missa Campal, na porta da capela, na Praça da República (1951)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

É comum observarmos a construção de um templo para as primeiras manifestações religiosas do grupo de habitantes de uma determinada região. Em São Luís de Montes Belos, essa característica pode ser observada através da figura 14 apresentada acima, elucidando a primeira igreja desse território, o que ressoa o fortalecimento da ocupação do espaço através da crença de seu povo. A localidade desse templo reflete bem a perpetuação e consolidação dessa identidade no passar dos anos e desenvolvimento da cidade, pois é nessa mesma região que se consolidou a matriz da igreja católica e a praça, as quais são, até hoje, singulares locais para a comunidade.

Ainda na imagem, podemos elucidar a provável importância do local na época, de eventos singulares, através da alta concentração de pessoas envolvidas. É possível imaginar, ao visualizar a imagem (Figura 14), que o local corresponde admirável respeito para sua comunidade por meio da veneração das pessoas ao se organizarem frente ao templo, dando a imaginar prováveis visitas importantes pela abertura de um corredor central pelos presentes e a expressão dos indivíduos retratados. Eventos esses que possuem grande carga emocional e significativa aos envolvidos e suas gerações subsequentes, tornando-se fonte de resgate de memórias particulares, memórias essas individuais e coletivas. É intrigante poder se remeter a esse tempo através desses registros, vislumbrar a crença da comunidade, a formação dessa sociedade e de uma cultura que logo se expressa nas concretudes de suas construções e formação do cenário urbano.



Figura 15- Primeira fanfarra do Ginásio Estadual, desfilando na Av. Hermógenes Coelho (1963)  
 Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

Por meio da fotografia na figura 15, é possível ilustrar, de forma concisa, a história da cidade, tal qual como narrativa do processo de constituição de um bem cultural e de valores particulares de uma sociedade. A ilustração dá luz a eventos simbólicos do seu tempo, trazendo vida a memórias. Uma imagem dá espaço a um mundo característico de lembranças e recordações. Momentos individuais ou coletivos, mas de sentimento exclusivo.

É claro que esses registros precisam estar entrelaçados ao conhecimento de causas ou fatos, representando um conjunto de anteparos que estruturam e solidificam a memória, o mais fiel possível a suas origens. São importantes representantes dos processos de atuação do homem sobre o meio natural, como nas imagens abaixo as quais expõem os primeiros comércios de São Luís de Montes Belos e edificações que deram subsídio ao desenvolvimento da cidade e da população.



Figura 16- Primeiras edificações  
 Foto: Ivan Filho



Figura 17- Primeiras edificações  
 Foto: Ivan Filho

Ao tratar do desenvolvimento urbano, um pioneiro, ao ver as fotos representadas na figura 16 e 17, muito provavelmente seria remetido a um sentimento singular, sentimento de participação, o vislumbre de um filho que ele viu nascer, crescer e se formar. O olhar de orgulho ao dizer que aquele estabelecimento pertenceu, por exemplo, ao seu avô ou a um ente querido. É a sensação de fazer parte de tamanho crescimento, em que sua família participa como portadora e incentivadora do desenvolvimento urbano. São vistos, em seus olhos, os sentimentos de gratidão e orgulho. É o mesmo que participar dessa história, e, também, ser autor da própria biografia. Enfim, é lembrar e reviver sua importância na origem e no surgimento desse lugar.

O acesso a essas informações e a visibilidade da imagem oferecem, ao receptor da informação, um reconhecimento. Fotografia como importante documento histórico, fonte iconográfica, permitindo relacionar através da sua percepção o desencadear da cidade, desde seu nascimento até a atualidade, é despertar o sentimento de pertencimento. É praticar um olhar mais apurado às suas origens e uma referência palpável de seu desfolhamento. É perceber, com propriedade, as singularidades que a paisagem urbana se pautou durante anos de evolução, entalhando a evolução complexa do espaço urbano conforme as ideologias de uma sociedade em transformação.

As cidades nos exprimem suas expressões através das suas cenas visuais, sensíveis e representativas, ou seja, a imagem como poder irrevogável da identificação urbana ou dos fenômenos em geral. A concepção desse retrato passa por um processo imaginário e interativo em nosso sentido, mas que, de modo geral, permite a leitura, interpretação e compreensão da cidade de forma nítida.

Baseados nos conceitos acima citados, que expressam a qualidade que as imagens possuem em expressar a historicidade da *urbe* e imageabilidade da cidade, e sua condição de representar e restabelecer as memórias coletivas, foi realizado o levantamento de dados relativos à constituição urbana da cidade de São Luís de Montes Belos-Go até os dias atuais, 2020. Esse levantamento, embasado em Bosi (1994), tem como fonte os acervos culturais salvaguardados pelos velhos da cidade, ou seja, os pioneiros do município e seus familiares. O objetivo é que os materiais, tais como fotografias, imagens, pinturas, recortes e documentos em geral, que retratam lugares, pessoas, eventos e objetos que resguardam as memórias coletivas pertencentes a esses guardiões e a sociedade, permitam restabelecer o vínculo identitário dessa comunidade.

A partir dos dados coletados e apresentados no tópico a seguir (1.3), foram relacionados os estudos e pesquisas teóricas expostos no capítulo 1 sobre a origem e desenvolvimento da cidade de São Luís de Montes Belos com os acervos obtidos pela comunidade idosa do município. Após análise e cruzamento desses dados, foi concebido o vídeo-documentário, que é o produto e devolutiva deste trabalho de pesquisa à comunidade envolvida.

### 1.3 Retratos da história Montebelense

Bosi (1994) defende que os velhos foram no passado a força que construiu o presente, são eles importantes geradores da sociedade atual, os quais repassam as lembranças e histórias das pessoas, objetos, lugares e tempo, eternizando assim, suas memórias. É preciso ressaltar, que a velhice é importante formador do indivíduo jovem, influenciando-o desde a infância até sua fase produtiva (apta ao trabalho), o que faz com que o ser humano seja formado pelo passado, através das histórias vivenciadas pela atual velhice.

Na primeira etapa da pesquisa, tivemos acesso à história de São Luís de Montes Belo-GO contada através do PDP (2005) e da abordagem do livro “São Luís de Montes Belos: uma história de lutas e conquistas” do autor Eli Barbosa (2011), escritor montebelense, conforme imagens abaixo:



Figura 18 - Capa Plano Diretor Participativo - PDP

Fonte: Acervo particular autora

A própria capa do PDP, figura 18, é um ilustre reforço da inerente relação do emblemático traçado urbano como simbolismo da cidade. Mesmo que a escolha da imagem não tenha sido proposital, é plausível relacionar seu traçado urbano, suas vias de acesso, com preciosismo através de reproduções panorâmicas que evidenciam esses componentes.

Essa relação das vias e da paisagem urbana é comumente relacionada a elementos que tratam da história da cidade e são eleitos não apenas como propagandas de feitos políticos, mas também nas obras literárias dos cidadãos montebelenses, como evidenciado na capa do livro do senhor Erli Barbosa (figura 19). Neste, temos a ilustração explícita da cidade pela avenida principal: a primeira imagem da capa, na parte superior, remete a esse traçado durante seus primórdios, ainda ampla e pouco ocupada, mas já imponente e de grande significado; na parte inferior da capa uma cena mais recente, ainda dessa via, porém com efetivas evidências de ocupação e desenvolvimento do local. Logo, a capa permite a experimentação das fases de vivência dessa *urbe*, um *mix* da constituição preambular da paisagem e uma mais atual, oportunizando um sentimento de revisitação e rememoração do tempo que se passou.

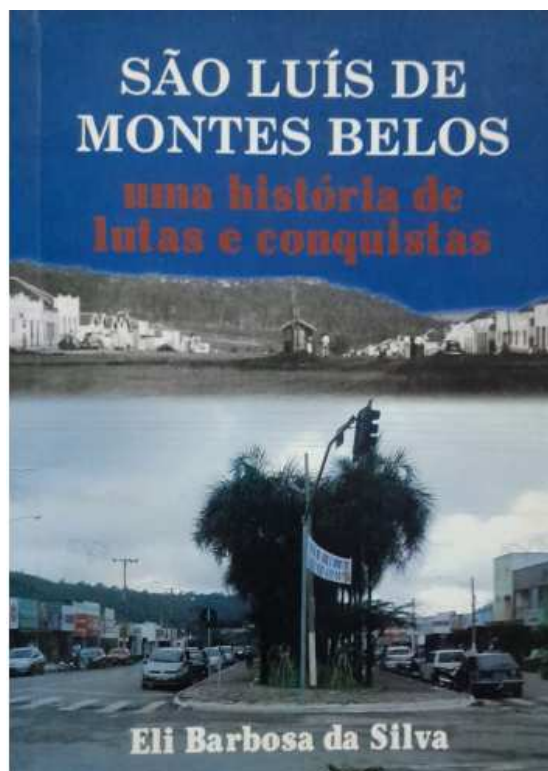


Figura 19 - Livro de São Luís de Montes Belos: uma história de lutas e conquistas.

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

Essas expressivas formas de ilustração do município, como citados anteriormente sobre o PDP (figura 18) e sobre a capa do livro “São Luís de Montes Belos – uma história de lutas e conquistas” (figura 19), demonstram a forte relação cultural no modo de visualização e identificação da cidade, é a construção da imagem da cidade, é a maneira pela qual os cidadãos enxergam e se identificam com o espaço.

Durante o levantamento dos estudos da cidade, conseguimos acesso ao vasto acervo do senhor Waldemir Xerife. Nele, tivemos acesso a fotos da origem da cidade, de eventos, personagens etc., inclusive, fotos dos pioneiros apontados na primeira etapa da pesquisa, tais como: Sr. Hermógenes, José Netto Cerqueira Leão Sobrinho. O acervo conta com um álbum fotográfico e uma cópia impressa colorida do plano diretor de 2005. O primeiro com cerca de 50 documentos, dentre esses, recortes de jornais e folhetos obsoletos e, em sua maioria, fotografias antigas; e o segundo contém aproximadamente 130 páginas, relatando o passado montebelense através de breves textos dos seus primórdios até o ano da escrita (2005) e diversas imagens que complementam a história do município.

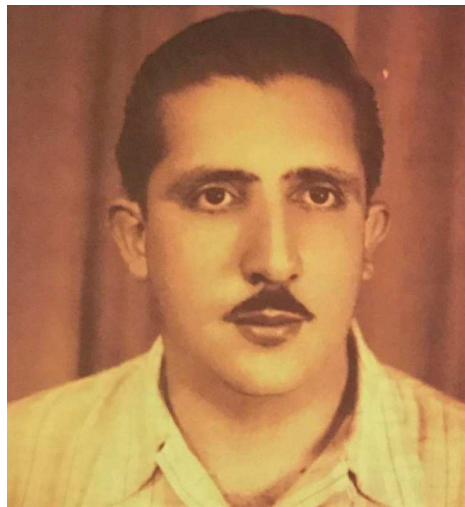


Figura 20 - José Netto Cerqueira Leão Sobrinho

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 21 - Sessão solene do ato oficial de fundação da cidade de São Luís de Montes Belos

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

José Neto Cerqueira Leão Sobrinho, ilustrado na figura 20, era vereador eleito da cidade de Mossâmedes, que chegou no Barreirinho nas décadas de 40 a 50, e, juntamente com a família Neto, construíram o povoado de Barreirinho, situado às margens do Córrego Barreirinho, e, assim, se tornou o principal fundador da cidade. Já o Sr. Hermógenes Ferreira Coelho, ex-prefeito da Cidade de Goiás, grande colaborador e benfeitor na fundação da cidade, representado na sessão solene de fundação deste município, na fotografia 21 (BARBOSA, 2015, p.18-19).

Deusedt Delfino de Brito	01-01-1954 a 15-03-1955	Nomeado
Jutair Neto Cerqueira Leão	15-05-1955 a 31-12-1959	Eleito
Bartolomeu Inocêncio de Oliveira	31-01-1959 a 31-01-1961	Eleito
José Neto Cerqueira Leão Sobrinho	31-01-1961 a 31-01-1965	Eleito
Oscar Moreira	31-01-1965 a 31-01-1969	Eleito
Mario Candido de Moura	31-01-1969 a 31-01-1973	Eleito
Pedro Miguel de Carvalho	31-01-1973 a 31-01-1977	Eleito
José Rodrigues de Rezende (vice)	Dez/ 1974 a 12-07-1975	Eleito
Josias Alves de Almeida	31-01-1977 a 31-01-1981	Eleito
Waldemir Xerife de Souza Guimarães	31-01-1981 a 31-12-1987	Eleito
Cláudio Henrique Passos Neves	31-01-1987 a 31-12-1991	Eleito
Hamilton Delfino de Brito	01-01-1992 a 31-12-1996	Eleito
Marisa Assis Oliveira Guimarães	01-01-1997 a 31-12-2000	Eleita
Edmilson José Cesílio	01-01-2001 a 31-12-2004	Eleito
Edmilson José Cesílio	01-01-2005 a Julho de 2005	Eleito
Marisa Assis Oliveira Guimarães	Agosto/2005 a 31-12-2008	Eleita
Sandoval Rodrigues da Mata (atual)	01-01-2009 a 31-12-2012	Eleito

Figura 22 - Primeiros administradores - prefeitos

Fonte: Livro São Luís de Montes Belos





Figura 24 - Avenida Hermógenes Coelho, em frente à Praça do Barreirinho (atual)  
Fonte: autora, 2021.

A Praça do Barreirinho, retratada abaixo, nas figuras 25 e 26, revelam a manutenção de suas características primárias. No que se refere à sua concepção, é interessante observar a sua idealização como altar, a disposição dos seus bancos voltados para a vista interna da praça e direcionados a um corretor, criando uma passarela central que dá acesso a uma escultura. Os bancos voltados para a parte interna aludem a ideia de socialização, um espaço não apenas de contemplação da paisagem, mas de apreciação dos próprios usuários entre si, de modo que fiquem um de frente ao outro, em um evento admirando seus pares e o desfecho em sua centralidade.



Figura 25 - Praça do Barreirinho  
Fonte: autora, 2021.

O arranjo do mobiliário urbano se centraliza como um elemento monumental, abraçado pelos passeios e pela arborização em seu entorno. O desnível é respondido através de

escalonamento, configurando no desfecho final em uma escultura, centralizada no nível mais alto, o qual se mantém em destaque na concepção, como é possível observar na figura 26.



Figura 26 - Praça do Barreirinho  
Fonte: autora, 2021.

Outro local analisado foi a Praça Dom Stanislau Van Mellis, conhecida como Praça da República, onde está localizada também a Paróquia São Luiz Gonzaga, situada no setor inicial. Nesta localidade, foram realizadas reformas e manutenções que agregaram maior valorização ao espaço, mantendo-se como referência na cidade. Em relação às características arquitetônicas, a ampliação da igreja manteve seus traços conservados, e essa expansão representa o seu desenvolvimento e crescimento em consonância com a evolução do município, edificação que se mantém em destaque na paisagem urbana, de acordo com a figura 27.

A igreja, vista na figura 27, desde seus primórdios, segue uma linguagem da arquitetura colonial. Inicialmente, possuía apenas uma torre, mas em reforma foi construída a segunda, trazendo, ainda mais evidente, esse estilo arquitetônico, que, de uma simples capela, se fazem imponentes construções. Tais torres são importantes referências na paisagem, com destaque especial, sendo possível identificação da localização do centro da cidade e da matriz com facilidade, mesmo à longa distância.



Figura 27 - Praça Dom Stanislau Van Mellis  
Fonte: autora, 2021.

Através do estudo, observa-se que a referência da Avenida Hermógenes Coelho, figura 28 e 29, ficou cada vez mais forte, local que foram propostas ações de revitalização onde houve investimentos em arborização, iluminação pública funcional e decorativa, reestruturação dos passeios, renovação dos mobiliários urbanos e intervenções no sistema viário, mantendo-se como expressiva transposição do desenho urbano, desde suas origens até os tempos presentes.



Figura 28 - Avenida Hermógenes Coelho, perto da Praça Dom Stanislau  
Fonte: autora, 2021.



Figura 29 - Avenida Hermógenes Coelho, em frente ao Espelho D'água (atual)  
Fonte: autora, 2021.

Dos marcos relacionados a colaboradores no desenvolvimento econômico e crescimento da cidade, podemos citar a sede da fábrica de fios cirúrgicos “Shalom”, ilustrada na figura 30, empresa fundada na cidade desde seus primórdios, sediada na Av. Hermógenes Coelho, onde sua construção se mantém na paisagem urbana e é importante materialidade da evolução da cidade.



Figura 30 - Shalom  
Fonte: autora, 2021.

Também podemos citar a antiga rodoviária, figura 31, importante marco histórico da cidade. A construção da década de 70 ainda é um relevante marco para a região. O prédio sofreu

diversas alterações e foi utilizado sempre como importantes equipamentos urbanos, que, por fim, abriga o “Vapt Vupt” da cidade. A construção e seu entorno (paisagem), desde as funções institucionais até os comerciais, é referência para toda a comunidade. Com poucas referências da construção original, observa-se que houve alterações e ajustes para os novos usos, mas que não desconfigurou a imagem memorável da paisagem na qual se estabilizam lembranças dos tempos passados.



Figura 31 - Antiga Rodoviária, atual Vapt Vupt  
Fonte: autora, 2021.

A prefeitura local, conforme a figura 32, se manteve na mesma sede desde a primeira construção para essa finalidade e vem sendo alterada gradativamente. Dentro dos últimos anos, a edificação foi reformada e algumas adequações foram realizadas. As cores foram renovadas, com detalhes em pintura azul, representando a identidade visual do município, pois a cor escolhida remete à bandeira da cidade. Também foram alterados alguns elementos construtivos, como as portas e janelas, onde foram instaladas outras novas, com sistemas e materiais atuais, mas ainda manteve-se os principais traços arquitetônicos da edícula. As maiores intervenções são observadas em relação ao paisagismo cuja vegetação do acesso principal foi, em grande parte, removida, e o jardim interno entre os blocos foi substituído por estacionamento.



Figura 32 - Prefeitura Municipal de São Luís de Montes Belos (atual)  
Fonte: autora, 2021.

A partir desses dados, foi possível correlacionar, analisando e comparando as informações obtidas com os recortes de jornais, pinturas, fotos e imagens que conseguem expressar a história de SLMB e são potenciais simbolismos da memória coletiva. Após todo esse processo de estudo, selecionamos materiais para elaboração do produto, o vídeo como registro histórico.

Em conformidade com as considerações da obra de Bosi (1994), pode-se perceber na comunidade montebelense um importante autor dos desdobramentos históricos de São Luís de Montes Belos e notável representatividade do passado na atualidade, o senhor Waldemir Xerife Souza Guimarães. Ele é prova viva dos processos memoráveis do pretérito que dá vida hoje ao presente, um importante elo entre gerações, portador e agente ativo de partilha das memórias coletivas desta sociedade. Além de suas recordações, Xerife também guarda consigo arquivos históricos, já que, ao longo de sua trajetória, ele observou que os antepassados e as figuras sérias do município, aos poucos, foram morrendo; e, quando ciente de que o local não possuía Museu ou Casa da Cultura, decidiu proteger e resguardar um rico acervo cultural.

A cidade em estudo, a partir dessa iniciativa, apresenta um amplo acervo cultural salvaguardado pelo Sr. Xerife que, mediante uma carta de cessão (Apêndice A), devidamente assinada e autenticada em cartório, autorizou o acesso e usufruto de seu acúmulo documental para os fins dessa pesquisa. O acervo conta com documentos diversos, tais como fotografias, registros de pinturas e recortes de jornais referentes à história de São Luís de Montes Belos-GO.

Waldemir Xerife Souza Guimarães mudou para São Luís em fevereiro de 1968, a convite de seus avós maternos que residiam na, ainda, pequena cidade, a fim de seguir os estudos no Seminário D. Bosco. Xerife, como conhecido pela população local. Na época, tinha 14 anos, e seu avô, José Pereira Guimarães, já vislumbrava sua carreira política, almejando que no futuro seu neto fosse prefeito, e Xerife tinha isso guardado em seu íntimo. Logo, o jovem ingressou no Seminário, estudando no segundo grau e, ao mesmo tempo, lecionando para alunos do primeiro grau, com a idade de apenas 15 anos. Em 1970, foi para o Seminário de Goiânia, semi-internato, mas ia quase todos os dias lecionar no Colégio Estadual Américo Antunes, em São Luís de Montes Belos, já para alunos do segundo grau. Ao deixar o Seminário, em 1972, iniciou o Curso de Arquitetura na PUC, Goiânia. Indo e voltando todos os dias úteis de São Luís à Goiânia, para não perder o vínculo com a cidade. Xerife e seu avô mantinham, confidencialmente, o projeto. E foi quando, aos seus 22 anos, foi eleito Vice-prefeito do município e, mais tarde, aos 27 anos, prefeito. Trabalhou muito, com o apoio do povo e do Governo, criando vínculos indissolúveis com a cidade de São Luís de Montes Belos. Em 1990, foi eleito deputado estadual, obtendo 93% (noventa e três por cento) dos votos válidos da cidade e mais uma expressiva votação na região. É de conhecimento da comunidade que, desde o início, o Sr. Waldemir acreditava que o município no futuro se tornaria cidade "Polo" no Oeste-Goiano e que a maioria de suas ações políticas e administrativas buscavam esse objetivo.

#### **1.4 Devolutiva para a comunidade**

Nesta etapa, a partir do estudo realizado, apresentaremos à comunidade montebelense a história da cidade de São Luís de Montes Belos -Go, contada mediante a seleção de elementos potenciais de elucidação a memória coletiva através de fotografias e vídeos. Uma fonte ilimitada de experiências, sentimentos e recordações.

Essa fonte de memórias e historicidade será expressa em formato de vídeo a ser disponibilizado como devolutiva à sociedade de São Luís de Montes Belos e região, que será estruturado a partir da seleção e organização de fotografias, documentos e recortes históricos, acompanhados de narrativa escrita e oral. O vídeo tem como finalidade mediar os vínculos imagéticos da população com a cidade, possibilitando o reconhecimento identitário neste grupo, identidade que, atualmente, mostra-se inerte. A comunidade montebelense terá acesso gratuito e irrestrito ao material que será disponibilizado em formato digital por diversos meios e plataformas.

Este conteúdo também terá abrangência regional, a fim de ultrapassar as fronteiras municipais e atingir as comunidades de seu entrono, para, assim, despertá-los para as riquezas e valores culturais e históricos deste município, São Luís de Montes Belos.

## **2 EXPOSIÇÃO CULTURAL: CONTANDO A HISTÓRIA MONTEBELENSE**

A exposição cultural através de vídeo vem resgatar os valores históricos de formação e consolidação do município, retratando sua origem e evolução, além de permear, na mente e coração dos seus espectadores, o sentimento de reconhecimento diante da urbe que se formou e se vê nas imagens expressas no material desenvolvido.

### **2.1 Exposição Cultural em formato digital (Vídeo)**

Desde o princípio, a proposta de produto dessa pesquisa era a realização de uma exposição cultural à comunidade, em que, a partir do estudo realizado, seria desenvolvido material expositivo, contemplando as fotografias levantadas e breves textos relatores da história do município montebelense. Além disso, as figuras importantes em toda tramitação histórica local, seus pioneiros e as principais características do desenvolvimento urbano.

Nesse formato, a exposição tinha como diretriz a sua realização durante a SIIC (Semana de Iniciação Científica), realizada pelo Centro Universitário Montes Belos e prevista para o segundo semestre de 2020. É um evento desenvolvido pelo corpo docente da instituição e tem como público alvo acadêmicos de toda região e, também, aberto à comunidade.

Porém, ao desenvolver da pesquisa nos deparamos com um novo cenário – a pandemia global – que promoveu, na sociedade, novos modos de vida, alterando e trazendo novas preocupações, principalmente, relativas à interação social. Foi então que, com o alto contágio do Novo Corona Vírus, houve uma necessidade repentina de afastamento social e levou-nos a refletir sobre a proteção e preservação da vida. Em meio ao caos epidemiológico da COVID-19, os eventos que possibilitassem a aglomeração de pessoas foram inviabilizados. Nesse contexto, para os acontecimentos culturais, foi necessário desenvolverem novos formatos e estratégias, para a continuidade de oferta do conhecimento e de experiências à população.

Conseqüentemente, reiteramos a condição da exposição presencial para um novo formato, o virtual, o qual viabiliza que todo o conteúdo desenvolvido na pesquisa chegue à comunidade montebelense e regional. É a história de São Luís de Montes Belos contada a partir de

uma exposição em formato de vídeo, tipo documentário. A cultura e história de São Luís vão ao encontro da comunidade. Diferentemente do formato original proposto pela exposição física, em que a comunidade se desloca para o espaço de realização do evento, todo conteúdo chega ao público de forma mais cômoda e, principalmente, segura. Outro aspecto positivo dessa proposta é a disponibilização do vídeo para as escolas da cidade, para que possa ser exibido durante as aulas no formato remoto e, futuramente (pós-pandemia), reproduzido presencialmente em sala de aula.

O vídeo contemplará o mesmo conteúdo proposto na exposição cultural presencial: retrato dos fundadores e familiares dos pioneiros e cidadãos locais, fotografias, registros de pinturas e recortes de jornais. Os relatos dos documentos apresentados nos vídeos serão selecionados para apresentarem uma narrativa histórica e cronológica da fundação do município, a fim de orientarem e resgatarem as facetas de sua origem à sociedade. As imagens filmadas serão escolhidas pela equipe técnica atuante nesta pesquisa, composta pela pesquisadora, arquiteta e urbanista, Tatiele Pires, sob orientação da professora Dra. Raquel Miranda, historiadora; com a contribuição do Sr. Xerife, também arquiteto, que irá alinhar seus conhecimentos científicos e suas competências técnicas para colaborar na definição das imagens que reproduzam as características urbanas e sociais dos períodos vividos na respectiva cidade, os lugares simbólicos de forma que represente singularmente os tempos passados, o traçado urbano, os eventos importantes e os autores diretamente envolvidos na concepção dessa *urbe*.

O desenvolvimento do vídeo será realizado pelo *videomaker*, Welton dos Santos, montebelense, atuante na área há 20 anos e proprietário da empresa Premier filmes. Como profissional da área, ele usa os programas *Adobe Premiere* para edição e *Adobe After Effects* para criação de legendas animadas. Os equipamentos utilizados serão: câmera Sony A6500 com lentes variadas, Sony 50mm com abertura 1.8, sigma 17-50mm com abertura 2.8, Yougnoo 100mm 2.0 e Drone Mavic pro DJI. O sistema de estabilização de imagens é o Gimbal Crane 2. O vídeo terá qualidade FULL HD, resolução de 1920x1080, Formato 16:9.

Dessa forma, o vídeo será acessível em formato digital e disponibilizado a toda sociedade por meio de *sites*, redes sociais, aplicativos de computadores e *smartphones*. Tal ação será viabilizada a partir da parceria e apoio da prefeitura municipal de São Luís de Montes Belos-Go, que cederá os meios de comunicação do município para divulgação do material.

A narrativa do vídeo será realizada por Aparecido Eterno, mestre de cerimônia e radialista da Rádio Vale da Serra e Rede Diocesana de Rádio, há 31 anos na cidade. Uma voz

conceituada e reconhecida pelos montebelenses, que foi cedida para a elaboração e publicação do vídeo através de meios de comunicação e plataformas digitais diversas, conforme termo de cessão devidamente assinado e autenticado em cartório (Apêndice B).

### 2.1.1 Processo de Estruturação

PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO/ ELABORAÇÃO DO VÍDEO						
Etapas	Descrição da atividade	2019/1	2019/2	2020/1	2020/2	2021/1
1ª	Revisão bibliográfica	X	X			
2ª	Levantamento de dados	X	X	X		
3ª	Levantamento de acervo		X	X		
4ª	Proposição e aprovação de produto (vídeo) na qualificação				X	
5ª	Correções da qualificação					X
6ª	Elaboração da narrativa (texto) do vídeo					X
7ª	Escolha das imagens para o vídeo					X
8ª	Desenvolvimento do roteiro do vídeo					X
9ª	Gravação do áudio pelo Sr. Aparecido Eterno					X
10ª	Diagramação do vídeo pelo <i>videomaker</i> Welton Santos					X
11ª	Disponibilização do vídeo através das plataformas digitais					X

### 2.1.2 Roteiro de Vídeo

Para a gravação do áudio narrativo e a elaboração do vídeo, foi realizado um roteiro contando a história de São Luís de Montes Belos e, ainda foram adicionadas especificações das imagens do acervo a serem utilizadas, conforme pesquisa. Esse material foi disponibilizado, primeiramente, ao narrador, Aparecido Eterno, que desenvolveu o áudio. Em seguida, áudio e roteiro foram encaminhados ao *videomaker*, Welton dos Santos, que elaborou o vídeo. A seguir, caracterizações do roteiro:

- Primeira narrativa (vídeo aéreo da cidade atual): Você conhece a cidade de São Luís de Montes Belos?

- Segunda narrativa (vídeo de localização da cidade através do *Google Earth*): São Luís de Montes Belos é uma cidade que está localizada na região oeste, em uma posição centralizada dentro do Estado de Goiás.

- Terceira narrativa (figuras 33, 34 e 35): O município de São Luís de Montes Belos, provindo da Cidade de Goiás, surgiu em 1946-1948, a pedido do governador estadual, à época, que construiu uma estrada fazendo ligação com a Cidade de Goiás e o sul do estado, situada na região de São Simão, porém essa via foi executada com conexão ao Centro Goiano, ligando-se com o Mato Grosso.



Figura 33 - Vista panorâmica da cidade na década de 1950 (1ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 34 - Praça do Barreirinho (2ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 35 - Avenida Federal (3ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

- Quarta narrativa (figura 36): Os trabalhadores que vieram para a construção da estrada, acamparam no Córrego Barreirinho, onde se deu origem às primeiras casas da cidade.



Figura 36 - Vista panorâmica da cidade de São Luís de Montes Belos (4ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

- Quinta narrativa (figuras 37, 38, 39, 40 e 41): A cidade era conhecida, inicialmente, como Distrito de Barreirinho pela Lei Municipal nº19 em 1948, distrito jurisdicionado à Cidade de Goiás, ação que aconteceu devido à tentativa de apropriação de partes das terras do antigo Barreirinho pelo município de Firminópolis, tomando essa faixa de terra do Distrito de Mossâmedes e, conseqüentemente, da Cidade de Goiás. Foi então que, através do pedido do vereador, José Netto Cerqueira Leão Sobrinho, junto aos fazendeiros da região, ao prefeito da Cidade de Goiás, Sr. Hermógenes Ferreira Coelho, foi criado o novo distrito.



Figura 37 - Primeiras edificações (5ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 38 - Primeiras casas da cidade (6ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 39 - Primeiras casas da cidade (7ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

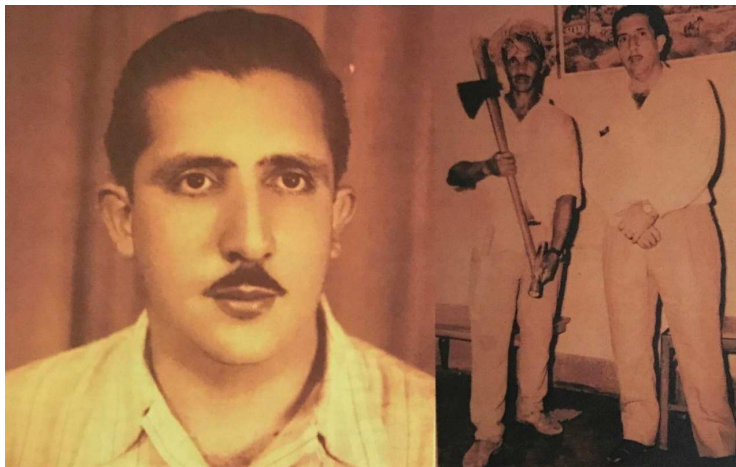


Figura 40 - Jose Netto (8ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 41 - Hérmogenes Coelho, sentado (9ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

- Sexta narrativa (figuras 42 e 43): Em 12 de outubro de 1953, houve a emancipação do Distrito do Barreirinho - assinada pelo então governador do Estado de Goiás, senhor Pedro Ludovico, de acordo com a Lei Estadual nº 805 de 12 de dezembro de 1953, o qual se torna município de São Luís de Montes. E foi em 1º de janeiro de 1954 que o local teve seu primeiro governo municipal instalado, nomeado e desmembrado do município da Cidade de Goiás, antiga Vila Boa.



Figura 42 - Dia da emancipação (10ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 43 - Desfile para recepção da visita de Pedro Ludovico (11ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

- Sétima narrativa (figuras 44 e 45): Criaram, então, o primeiro loteamento coordenado pelo fundador José Neto, e as primeiras ruas, nomeando-as em homenagem à fauna brasileira, como: rua Xingú, rua Caiapós, rua Paranaíba, Rua Araguaia, entre outras, exceto a Avenida Federal que recebeu o nome de Avenida Hermógenes Coelho, em condecoração ao colaborador e benfeitor na fundação da cidade, ex- prefeito da Cidade de Goiás, Sr. Hermógenes Ferreira Coelho, e a Avenida Cidade de Goiás em honras à cidade de Goiás.



Figura 44 - Antiga Avenida Federal (12ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvo-guardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 45 - Avenida Hérmoqenes Coelho (atualmente) (13ª imagem do vídeo)

Fonte: Discovery Drone

Continuidade com vídeo aéreo da Avenida Hermógenes Coelho atual;

- Oitava narrativa (vídeo aéreo do espelho D’água): O espelho D’água é um lugar significativo de representação da evolução e mudança no processo de desenvolvimento da cidade. Nos primórdios de São Luís, a região abrigava o parque de exposição agropecuária.

- Nona narrativa (figuras 46, 50 e 51): Começaram a construção de farmácia, dormitório, alojamento, armazém, açougue e um cômodo para servir de cadeia, nas terras que foram doadas pelo Sr. José Luiz Junior, para o início do desenvolvimento desse município.



Figura 46 -Primeira farmácia e cartório (19ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 47 - Loja de Máquinas (20ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 48 - Posto Semente apoio de produtores (21ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

- Décima narrativa (figuras 49 e 50): Devido a sua localização geográfica ser centralizada, Goiás foi ponto estratégico para o desenvolvimento de rodovias nacionais, que ligava as regiões centrais ao litoral, bem como para o crescimento da produção de grãos no país.



Figura 49 - Mapa de localização da cidade de São Luís de Montes Belos-GO  
Fonte: Welton dos Santos



Figura 50 - Hotel São Luís (1950) (22ª imagem do vídeo)  
Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvo-guardado e cedido por Waldemir Xerife

- Décima primeira narrativa (figuras 51, 52 e 53): Depois do avanço na produção de grãos e bananas, destaca-se a produção leiteira.



Figura 51 - Terminal Rodoviário sendo construído em 1970 (23ª imagem do vídeo)  
Fonte: Acervo particular de Eryl Barbosa



Figura 52 - Prefeitura Municipal de São Luís de Montes Belos (24ª imagem do vídeo)  
Fonte: Site Ministério Público do Estado de Goiás, 2020.



Figura 53 - Leitbom (25ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

- Décima segunda narrativa (vídeo aéreo da cidade atual e figuras 54, 55 e 56): O município de São Luís de Montes Belos, se dividiu em 3 períodos históricos, de 1948 e 1963, nos primórdios da cidade.



Figura 54 – São Luiz Hotel Hotel (26ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 55 - Casa Ribeiro (27ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 56 – Bar São Luiz (28ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

- Décima terceira narrativa (figuras 57, 58, 59, 60, 61, 62 e 63): o segundo, entre 1963 e 1986, com o desenvolvimento da pecuária; e o terceiro, entre 1986 e 2005 (ano de elaboração do PDP), como polo educacional e de agronegócio; e um 4º (quarto) período, que consolidou o polo educacional e o intenso crescimento na área da saúde. Começou, também, a implantação de órgãos polarizadores (Saneago, Detran, oficinas, Sucan, hospital regional, polícia militar).

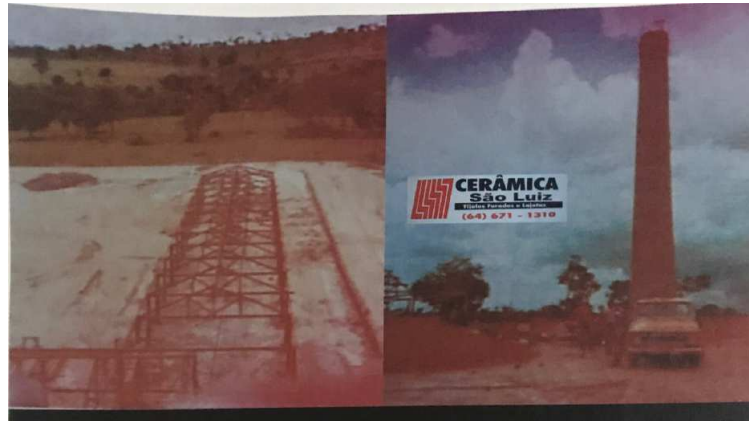


Figura 57 - Cerâmica São Luiz (29ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 58 - Shalon (30ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 59 - Bracol (31ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 60 - Faculdade Montes Belos (2002) (32ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife



Figura 61 - Centro Universitário Montes Belos (33ª imagem do vídeo)

Fonte: Maps Net



Figura 62 - Fácil Belos (atual UEG) (34ª imagem do vídeo)

Fonte: Acervo particular de “Dona Nêga” (Sebastiana Ferreira Netto), salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

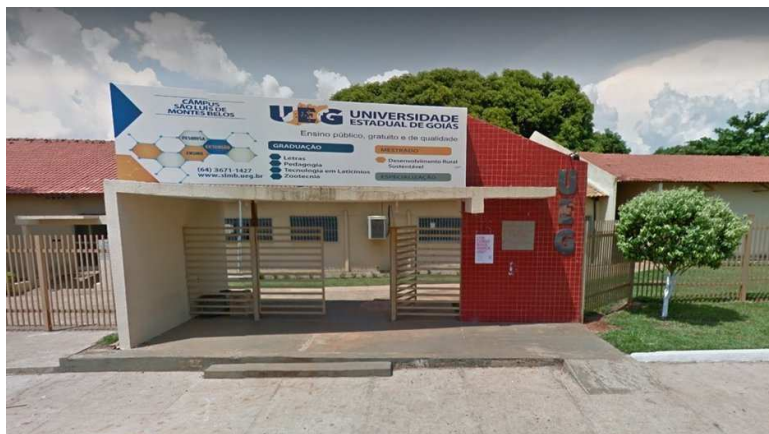


Figura 63 - UEG (atual) (35ª imagem do vídeo)  
Fonte: Mais Goiás

- Décima quinta narrativa e encerramento do vídeo (vídeo aéreo da cidade e figura 64):  
É imprescindível restabelecer o acesso da sociedade à sua historicidade, de forma que a comunidade montebelense tenha alcance a seu acervo histórico e cultural e se reeduque quanto à valorização de sua identidade e bens culturais.



Figura 64 - São Luís de Montes Belos (31ª imagem do vídeo)  
Fonte: Site Prefeitura de São Luís

## 2.2. Público alvo

Jovens, adultos e idosos, ou seja, todos cidadãos montebelenses e comunidade regional.

### **2.3. O impacto esperado**

Busca-se o reconhecimento do valor histórico da cidade de São Luís de Montes Belos e a ressignificação da origem dessa *urbe*, a rememoração e o sentimento de pertencimento identitário da sociedade montebelense, junto ao desenvolvimento municipal. Ademais, espera-se reforçar, junto à comunidade local, o valor cultural de sua história e, ainda, proporcionar aos seus pioneiros a sua valorização enquanto retentores de memória, além de possibilitar a toda comunidade reviver lembranças e eventos marcantes do município. Por fim, despertar em cada cidadão a importância de sua participação na consolidação e no desenvolvimento da cidade, sendo todos coautores de sua história.

## **3. VÍDEO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DA ORIGEM MONTEBELENSE**

O vídeo será disponibilizado para a comunidade através dos principais meios de comunicação atuais, tais como site institucional da Câmara Municipal de São Luís de Montes Belos-Go, redes sociais (*Instagram* e *Facebook*) e *YouTube*, sendo necessário a Internet para possuir acesso.

### **3.1. Manual de uso do Produto**

De acordo com cada canal de comunicação, foi desenvolvido instruções de acesso ao vídeo. Seguem abaixo essas instruções de acordo com cada plataforma.

#### **3.1.1. Site da Prefeitura de São Luís de Montes Belos**

- Acessar o navegador de *Internet*. Exemplo: *Google Chrome*;
- No espaço de pesquisa digitar Site Câmara Municipal de São Luís de Montes Belos – *enter* (figura 65);

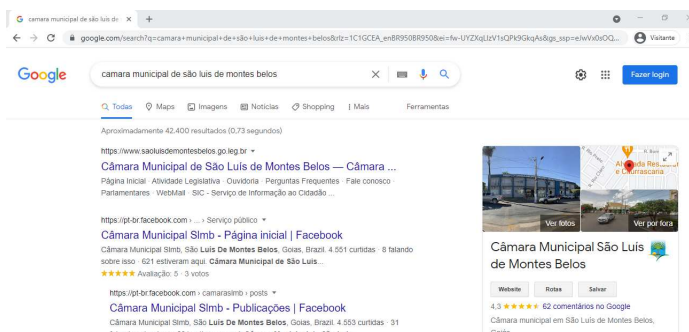


Figura 65 - Pesquisa no *Google*  
Fonte: autora, 2021.

- Acessar página inicial do *site* (figura 66);

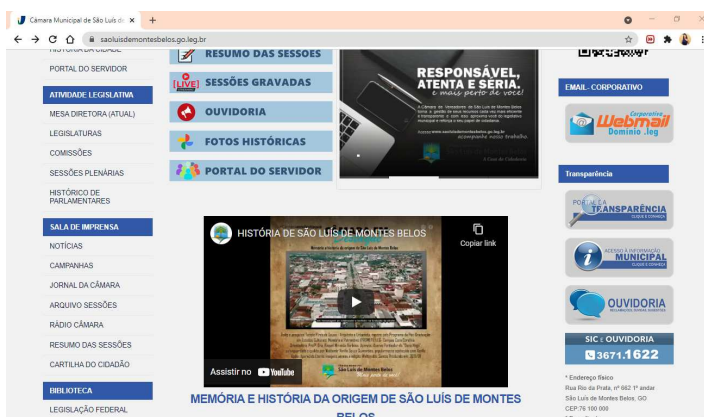


Figura 66 - *Site* Câmara Municipal de São Luís de Montes Belos  
Fonte: autora, 2021.

### 3.1.2. *Instagram*

- Logar no *Instagram* com usuário e senha - *enter* (figura 67);

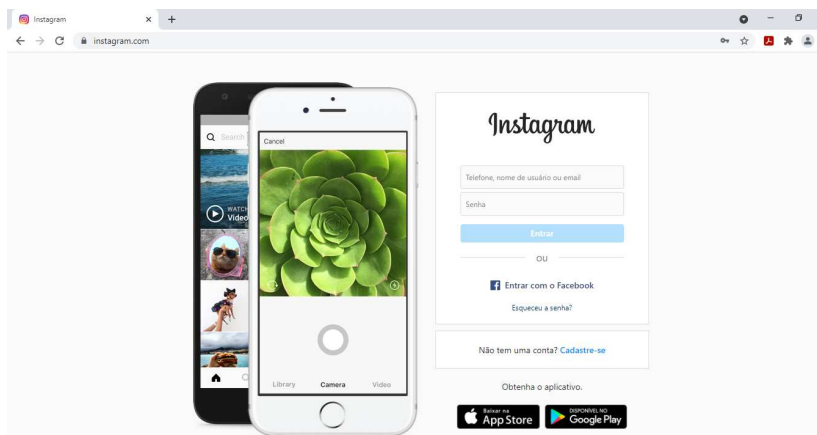


Figura 67 - Acesso ao *Instagram*  
Fonte: autora, 2021.

- Escrever no espaço de pesquisa: *camaraslmb* - *enter* (figura 68);



Figura 68- *Instagram* da Câmara  
Fonte: autora, 2021.

- Clicar em vídeos e procurar #CÂMARAEMDESTAQUE;

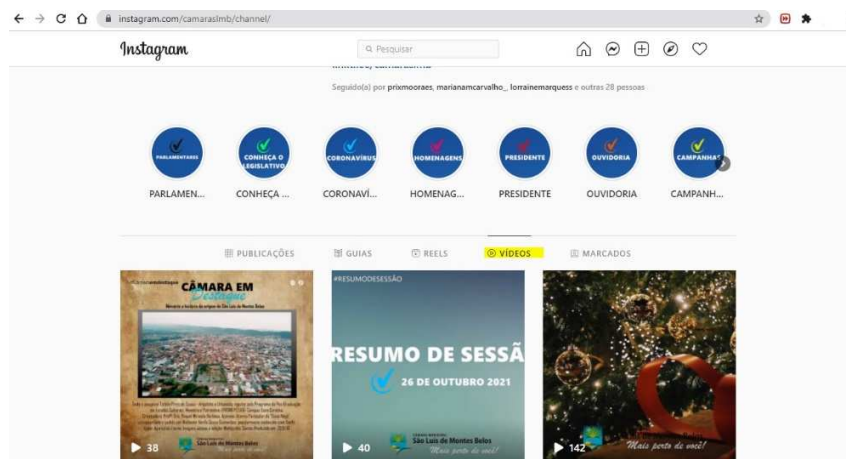


Figura 69- Vídeos do *Instagram*  
Fonte: autora, 2021.

### 3.1.3. Facebook

- Logar no *Facebook* com usuário e senha - *enter* (figura 70);

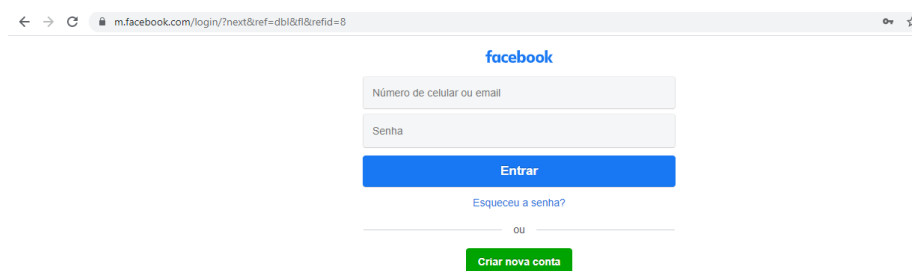


Figura 70 - *Login Facebook*  
Fonte: autora, 2021.

- Escrever no espaço de pesquisa: Câmara Municipal de São Luís de Montes Belos – *enter* e clicar no perfil (figura 71);

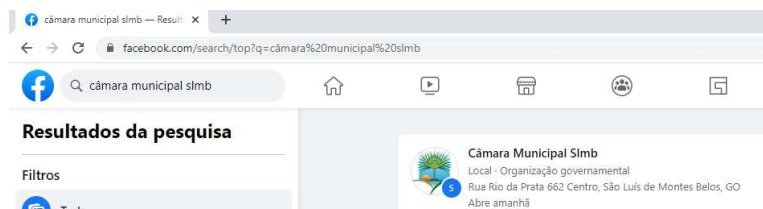


Figura 71 - Pesquisa Câmara Municipal de São Luís de Montes Belos  
Fonte: autora, 2021.

- Clicar em vídeos (figura 72);



Figura 72 - Vídeos  
Fonte: autora, 2021.

### 3.1.4. YouTube

- Acessar o navegador de *Internet*. Exemplo: *Google Chrome*;
- No espaço de pesquisa digitar *Youtube* – *enter* (Figura 73);

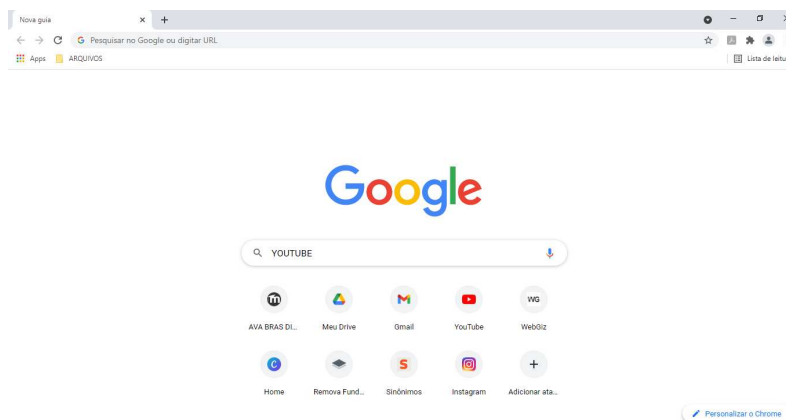


Figura 73 - Pesquisa no *Google*  
Fonte: autora, 2021.

- No espaço de pesquisa, escrever o nome do vídeo que será: Memória e história da origem montebelense (Figura 74).



Figura 74 - Pesquisa do *YouTube*  
Fonte: autora, 2021.

- Clicar no vídeo.

### 3.2. Proposta de aplicação na comunidade participante

O vídeo será disponibilizado para a comunidade acadêmica montebelense com a intenção de fornecer as memórias e a história de São Luís de Montes Belos de forma íntegra e democrática.

### 3.3. Devolutiva para a comunidade

Após a disponibilização do vídeo nas plataformas digitais no período superior a 60 dias, serão levantadas as métricas - quantidade de visualizações/acessos – para a identificação de alcance do material na comunidade e apresentadas às instituições de ensino local. A Instituição de Ensino Superior Centro UniBrasília, Campus Montes Belos/Go, endereçado ao coordenador do curso de arquitetura e urbanismo, Me. Pedro Henrique Gomes Cardoso D'Ávila será oficializado (Apêndice C), para que o vídeo e esses dados sejam apresentados em sala de aula, em horários e disciplinas que os educadores envolvidos julgarem mais adequado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise da atual situação que se encontra a população montebelense em relação ao seu desconhecimento da narrativa de suas origens, é possível entender o quanto o distanciamento da comunidade ao seu referencial torna volúvel e fragilizada a relação território-temporal e de empatia às suas próprias referências. É notável a necessidade de assegurar, através da educação patrimonial, o reconhecimento dos bens culturais, a formação do seu próprio ser como ser individual inserido a uma coletividade, pertencente e referenciado.

O ponto chave da questão do município montebelense é esse sentimento de pertença social e identitária que precisa ser restabelecida a partir de estratégias de educação patrimonial, “capaz de promover a formação e a informação acerca do processo de construção de identidades plurais e de propiciar o desenvolvimento de reflexões em torno do significado coletivo da história [...]”, como afirma Pelegrini (2009, p.37). Partimos, então, da inserção desse indivíduo como parte substancial dessa formação de coletividade, reconhecimento, percepção identitária e de pertencimento, no intuito de se apresentá-lo como instrumento de desenvolvimento coletivo e individual, dialogando com grupos sociais um ideal de proteção e preservação dos bens culturais. Há também, nessa elaboração, a finalidade de disponibilizá-la para servir como dispositivo de troca de informação e de conhecimento entre instituições, especialistas e comunidade, para possibilitar a difusão da memória e a revelação do processo histórico, que se envolvem e se dissipam dentro da sociedade.

Em relação à educação patrimonial, se estabelece a participação da população, permitindo que a história não se enrijeça a moldes, mas se recrie, se restabeleça e, o mais importante, represente as diversidades da identidade cultural de diferentes grupos sociais. E, além disso, que oportunize ao cidadão montebelense um sentimento de pertencimento e reconhecimento dentro das feições históricas de produção da atual sociedade e o possibilite representar as identidades de modo sistêmico e amplo. Finalmente, para que reconheça, a partir da partilha, o conhecimento das suas origens e as nutra como ânsia da existência em sociedade, sendo, assim, suportes na formação do cidadão.

Ao pensarmos nessa conscientização, a educação patrimonial direciona-se com maior intensidade a dois públicos alvos específicos. O primeiro são os retentores da memória, guardiões das lembranças e acontecimentos da história local. Nestes, a proposta é fomentar a partilha dessas

memórias ainda omissas à grande parte da população e, também, valorizá-las, a fim de incentivar e intensificar o sentimento de importância desse referencial na constituição histórica e na construção da identidade montebelense. O outro público atingível são os atuais moradores de São Luís de Montes Belos e região, na intenção de uma absorção mais efetiva desse ideal de preservação do patrimônio, bem como da memória e constituição de uma identidade, implicando uma reflexão e análise crítica dentro dessa formação profissional. Busca-se, assim, implementar, entre as fases, um momento de trocas entre os retentores da memória e ouvintes e de partilha dos saberes fundamentais para consolidação dessa identidade na comunidade montebelense; conjunturas essas que são, portanto, potenciais multiplicadores da consciência histórica local às próximas gerações. A educação patrimonial, vem como meio de junção e formação de um novo ciclo de conhecimento e preservação.

Oferecer o contato à cultura, à valorização das facetas do seu passado e à compreensão do encadeamento da formação municipal aos membros da comunidade – do lugar onde essas pessoas vivem – corrobora a conservação das histórias e memórias locais. A consciência alimenta a preservação, a proteção da memória coletiva e, principalmente, oportuniza o seu repasse às gerações futuras. Além do mais, garante a permanência da diversidade e, simultaneamente, da singularidade dessa sociedade. Uma identidade perene e firmada pela cadência natural da lucidez de seus envolvidos, agora sim, referenciados e amparados às suas origens. Enfim, pertencentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, A. L. **A descaracterização dos centros históricos segundo a percepção do morador: o caso de Bagé - RS.** 2016. 198 f. Dissertação (Mestrado em arquitetura e Urbanismo; Percepção e Avaliação do Ambiente pelo Usuário) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.
- ARRAIS, Matheus Eurich. **A marcha para o oeste e o Estado Novo: a conquista dos sertões.** Brasília/DF, 17p., 2016. Disponível em:  
<[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15448/1/2016\\_MateusEurichArrais\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/15448/1/2016_MateusEurichArrais_tcc.pdf)> Acesso em: 08 jun. 2019.
- BORGES, Joacir Navarro; OLIVEIRA, Calos Eduardo França de; SILVA, Rodrigo da. **Memória da Cidade: história e patrimônio urbano no Brasil.** 1ª edição. São Paulo:
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.
- BRITTO, C. C. **A terceira margem do patrimônio: o rio Vermelho e a configuração do habitus vilaboense.** In: Diálogos, v. 18, n.3, p. 975-1004, set.-dez./2014. Disponível em:  
<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/33914>> Acesso em: 12 jan. 2019.
- CAPELATO, Maria Helena. **Multidões em Cena: Propaganda política no varguismo e no peronismo.** São Paulo, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução: Beatriz Sidou. 1ª edição. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LYNCH, Kevin. **The image of the city.** Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.
- NORA, Pierre. **Entre memória e História: A problemática dos lugares.** In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. V. 10, out. 1993. Disponível em:  
<<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>> Acesso: 8 jan. 2020.
- PÁDUA, Andréia Aparecida Silva de. **A Sobrevida da Marcha para o Oeste.** UCG - Goiânia estudos, v. 34, n. 7/8, p. 623-643, jul./ago. 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto.** In: PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo; ZANIRATO, Silvia Helena. **Narrativas da pós-modernidade na pesquisa histórica.** Maringá: Eduem, 2005. p.111-120.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Rev. Bras. Hist. vol.27, n 53. São Paulo, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002)
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, memória e centralidade urbana.** Rev. Mosaíco. vol.1, n 1, Goiás, 2008. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/225>

RICARDO, Cassiano. Marcha para Oeste. **A influência da “Bandeira” na formação social e política do Brasil**. 2vol. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1942. RICOEUR, Paul.

**Temps et récit**. 3 vol. Le Seuil: Paris, 1983.

VARGAS, Getúlio. **A Nova Política do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1938.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987. 50 p.

## REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

2005. *Histórico de São Luís de Montes Belos*. (Acervo fotográfico).

Silva, E. 2011. *São Luís de Montes Belos: uma história de lutas e conquistas*. (Acervo fotográfico).

*História*. (Fotografia). Junho, 28, 2021. De: <https://saoluisdemontesbelos.go.gov.br/nossa-cidade/apresentacao/>.

**MAIS GOIAS. Inscrições para vestibular de Zootecnia da UEG terminam nesta quinta-feira.** Disponível em: <https://www.emaisgoias.com.br/inscricoes-para-vestibular-de-zootecnia-da-ueg-terminam-nesta-quinta-feira-10/>. Acesso 28 jun. 2021.

*Centro Universitário Montes Belos- UniMB*. (Fotografia). Junho 28, 2021. De: <https://maps123.net/en/BR/centro-universitario-montes-belos-unimb-p1635223>.

Daniel, R. (Youtube). 2019. *São Luís de Montes Belos-GO visto de cima*..(Fotografia). Junho 28, 2021. De: <https://www.youtube.com/watch?v=OgZr1zvr4nk&t=1s>

*Diocese de São Luís de Montes Belos*. (Fotografia).. Junho 28, 2021. De: <https://cnbbco.com/dioces/diocese-de-sl-de-montes-belos>

Felipe. *Praça da República*. (Fotografia). Junho 28, 2021. De: <https://www.ferias.tur.br/fotogr/47212/pracadarepublicaporfelipe/saoluisdemontesbelos/>

Honório, C. 2020. *Por recomendação do MP, doações de áreas públicas são suspensas em São Luís de Montes Belos*. (Fotografia). Julho 02, 2021. De: <http://www.mpggo.mp.br/portal/noticia/por-recomendacao-do-mp-doacoes-de-areas-publicas-sao-suspensas-em-sao-luis-de-montes-belos#.YN89yOhKjIU>. Acesso em 02 de jul. 2021

2020. *Hospital Regional de São Luís de Montes Belos tem 119 vagas abertas*..(Fotografia). Julho 02, 2021. De: <https://imed.org.br/hospital-regional-de-sao-luis-de-montes-belos-tem-119-vagas-abertas/>.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A- Termo de cessão de direitos autorais do Sr. Waldemir Xerife Souza  
Guimarães**

**TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS**

Pelo presente Termo de Cessão de Direitos Autorais e tendo em vista o disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19/12/1998, eu \_\_\_\_\_, portador do RG nº \_\_\_\_\_, inscrito no CPF sob o nº \_\_\_\_\_, autorizo **TATIELE PIRES DE SOUSA**, brasileira, solteira, portadora do RG nº \_\_\_\_\_, inscrita no CPF sob o nº \_\_\_\_\_, residente e domiciliada à Rua \_\_\_\_\_, Qd. \_\_\_\_\_, Lt. \_\_\_\_\_, Setor \_\_\_\_\_, São Luís de Montes Belos - Go, a cessão e transferência para uso em pesquisa científica, reprodução em obras literárias e exposição em eventos dos direitos autorais, a partir desta data e isento de qualquer ônus, dos arquivos documentais, tais como: registro de pinturas, registros fotográficos e recortes de jornais referentes à história do município de São Luís de Montes Belos – GO, que serão utilizados em pesquisa e para publicação de trabalhos e obras literárias. Autorizo, ainda, a publicação dos documentos acima referenciado nas versões impressa e eletrônica da(s) obra(s) a ser publicada e concedo plenos direitos por tempo ilimitado, em todo o território nacional, todos os direitos sobre o material mencionado para publicação, comercialização, impressão, reimpressão, atualização, exibição, reprodução, tradução, distribuição, transmissão, difusão e comunicação da obra ao público, por qualquer formato ou meio, diretamente ou por meio de terceiros, mantidos os créditos do autor, sem que isso implique direito à percepção de qualquer valor, inclusive a título de direitos autorais.

São Luís de Montes Belos - GO, 18 de setembro de 2020.

---

**WALDEMIR XERIFE SOUSA GUIMARÃES**  
**CPF:**

**APÊNDICE B- Termo de cessão de direitos autorais do Sr. Aparecido****TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS**

Pelo presente Termo de Cessão de Direitos Autorais e tendo em vista o disposto na Lei Federal nº 9.610, de 19/12/1998 e lei nº 10.406/2002, eu \_\_\_\_\_, portador do RG nº \_\_\_\_\_, inscrito no CPF sob o nº \_\_\_\_\_, autorizo **TATIELE PIRES DE SOUSA**, brasileira, solteira, portadora do RG nº \_\_\_\_\_, inscrita no CPF sob o nº \_\_\_\_\_, residente e domiciliada à Rua \_\_\_\_\_, Qd. \_\_\_\_\_, Lt. \_\_\_\_\_, Setor \_\_\_\_\_, São Luís de Montes Belos - Go, a cessão e transferência para uso em pesquisa científica, a reprodução e utilização de meu nome, minha imagem e som de voz, relacionados ao material descrito neste termo, referentes à história do município de São Luís de Montes Belos – GO, que serão utilizados em pesquisa e para publicação de trabalhos, vídeos e obras literárias. Autorizo, ainda, a publicação acima referenciada nas versões impressa e eletrônica da(s) obra(s) a ser publicada e concedo plenos direitos por tempo ilimitado, todos os direitos sobre o material mencionado para publicação, comercialização, impressão, reimpressão, atualização, exibição, reprodução, tradução, distribuição, transmissão, difusão e comunicação da obra ao público, por qualquer formato ou meio, diretamente ou por meio de terceiros, mantidos os créditos do autor, sem que isso implique direito à percepção de qualquer valor, inclusive a título de direitos autorais.

São Luís de Montes Belos - GO, 30 de junho de 2021.

---

**APARECIDO ETERNO DO CARMO**  
**CPF:**

## APÊNDICE C- Ofício ao Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Ofício nº 001/2021

São Luís de Montes Belos-GO, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

Ilustríssimo Senhor

**Me. Pedro Henrique Gomes Cardoso D'Ávila**

Coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo, UniBrasília, Campus Montes Belos/Go.

A par de cumprimentá-lo, eu, Tatiele Pires de Sousa, sirvo-me do presente ofício para apresentar ao Il.mo o conteúdo do vídeo em anexo, o qual foi elaborado em razão de pesquisa para Pós-Graduação *Strictu Sensu* realizado na Universidade do Estado de Goiás-UEG, sendo o seguinte:

**Título do vídeo:** Memória e História da origem Montebelense

**Texto e pesquisa:** Tatiele Pires de Sousa - Arquiteta e Urbanista, mestranda da Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP) UEG - Campus Cora Coralina.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Raquel Miranda Barbosa.

**Acervos:** Acervo particular de “Dona Nêga”, salvaguardado e cedido por Waldemir Xerife

**Áudio:** Aparecido Eterno

**Diagramação:** Welton dos Santos.

Assim, requer ao Il.mo a aprovação para que o conteúdo seja divulgado e apresentado em palestra aos docentes do curso de graduação em curso de Arquitetura e Urbanismo em período de aula, a ser ajustado conforme disponibilidade da instituição.

Na certeza de poder contar com vossa colaboração e, sem mais para o momento, renovo votos de elevada estima e distinta consideração.

---

**Tatiele Pires de Sousa**

**APÊNDICE D- Tabela de Edifícios construídos até a década de 90**

<b>Edifícios construídos até a década de 90</b>	
Saneago	Telegoiás (ao lado da tradição)
SAMA	AABB
Mel Café	CDL
Rádio Vale da Serra	Receita Federal
Clube do CDL	Capela Nossa S. aparecida
Clube São Paulo (mosteiro)	Banco do Brasil
Estádio Jultair Neto	Caixa
Maçonaria Estrela Montebelense	Itaú (ant. BEG)
Maçonaria 21 de abril	Churrascaria Ferreira (ant. Banco)
Laticínio Montes Belos	UEG
CONAB	FMB (atual UniMB)
Posto Marajó	Funerária Live
Posto policial (antiga Celg)	Lar Vicentino
Hospital Montes Belos	Correios (em frente ao ginásio)
Hospital Regional	Chacrinha (cabaré)
Leite Bom	Bataclan (cabaré)
Ginásio	Paróquia Santa Cruz
Posto de Saúde Central	Paróquia Santa Luzia
Prédio da Antártica	Delegacia de Polícia
Motobel	Cartório Barbosa
Vapt Vupt	Cartório Felício Neto (Vila Quininha)
Rodoviária	Colégio Presidente Costa e Silva
Colégio militar (colégio estadual Américo Antunes)	Colégio Antônio Campos
RENAP	Colégio Dom Pedro I (Colégio Montes Belos)
Feira Coberta	